

Wilson Antonio Menoncin Junior

**ESTUDOS DOS FATORES QUE LEVAM
OS JOVENS AO ABANDONO DA PRATICA
DO BASQUETEBOL COMPETITIVO EM CURITIBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Engenharia de Produção, com ênfase em Ergonomia,
da Universidade Federal de Santa Catarina, como
requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Engenharia de Produção

Orientador: Prof. Edio Petroski, Dr.

Florianópolis
2003

Wilson Antonio Menoncin Junior

ESTUDOS DOS FATORES QUE LEVAM
OS JOVENS AO ABANDONO DA PRÁTICA
DO BASQUETEBOL COMPETITIVO EM CURITIBA

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de
Mestre em Engenharia de Produção no **Programa de Pós-
Graduação em Engenharia de Produção** da Universidade Federal de
Santa Catarina

Florianópolis, 14 de março de 2003

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.
Coordenação do Programa

BANCA EXAMINADORA

Prof. Edio Luiz Petroski, Dr.
Orientador

Profa. Edis Lapolli, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. João Luiz Zinn, Ph.D.
Universidade Federal de Santa Maria – RS

A minha esposa, Laiza
Pelo apoio constante
A meus pais Wilson e Isolda

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram neste projeto pessoal e profissional e que, direta ou indiretamente, com sua atenção e dedicação, tornaram possível esta realização. A todos, meus agradecimentos e meu carinho, especialmente:

A Deus, pois sem ele nada é possível.

Aos meus pais, pelo incentivo constante e aos meus irmãos pelos pequenos detalhes.

A minha esposa Láiza Menoncin pela dedicação, compreensão e tolerância durante este processo.

Ao professor Dr. Edio Luiz Petroski, cuja competência, paciência e colaboração foram fundamentais para orientar o caminho seguido.

Aos amigos que sempre me incentivaram, Mauro Marturelli Júnior, Glaycon Christiano Sangiorgio e Gabriel Carazzai, entre outros.

Ao meu cunhado, Marlos Maia pela paciência e pelo tempo disposto a ajudar.

A todos os professores e monitores do LED – Laboratório de Ensino a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina, que participaram desta jornada desde o princípio dando-me o apoio e o incentivo necessário.

Aos ex-atletas de basquetebol que se propuseram a colaborar com esta pesquisa, trazendo suas experiências do esporte e de vida, fundamentais para a credibilidade deste estudo.

A professora Edis Lapolli pelas idéias, sugestões, correções e apoio dados num período de incertezas.

RESUMO

MENONCIN JR., Wilson Antonio. **Estudos dos fatores que levam os jovens ao abandono do basquetebol competitivo em Curitiba.** 2003. 82 f. Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, UFSC, Florianópolis.

O basquetebol nos dias atuais é um esporte difundido no mundo inteiro, captando novos adeptos para sua prática e, surgindo com isso, campeonatos com cada vez mais organização e qualidade. Este estudo tem por objetivo, trazer sua contribuição através do questionamento e da análise dos motivos que têm levado os jovens praticantes do basquetebol competitivo na cidade de Curitiba-PR a abandonarem sua prática de forma precoce. Este trabalho propõe, através de entrevistas com ex-atletas de basquetebol de Curitiba, uma análise dos resultados e, com o auxílio da literatura, propor soluções para que se possa, além de estimular o aumento da prática do basquetebol na capital paranaense, manter os atletas deste esporte o maior tempo possível participando de eventos da modalidade e com isso, prolongar a carreira esportiva dos jovens praticantes.

Palavras-chave: basquetebol, abandono, atleta, adolescente

ABSTRACT

MENONCIN JR., Wilson Antonio. **Estudos dos fatores que levam os jovens ao abandono do basquetebol competitivo em Curitiba.** 2003. 82 f. Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, UFSC, Florianópolis.

Nowadays, basketball is sport spread out around the world, which gets lots of new players every day. For this reason, the championships are well organized and with better quality than they were years ago. The main idea of this paperwork is to contribute to understand why the young basketball players in the city of Curitiba-PR, Brazil, leave basketball competitions soon after they have started practicing it. This paperwork, along with the help of literature and interviews with ex – basketball players, intends to provide suggestions to increase the practice of basketball in Curitiba-PR, keeping the players in contact with the sport as time as possible and taking part of the all events of the basketball area. This way, it will be possible to keep the young players career for a longer time, which will collaborate to increase the productivity of all people involved with this sport.

Keyword: Basketball, abandon, athletics, teenager

SUMÁRIO

<u>RESUMO</u>	5
<u>ABSTRACT</u>	6
<u>LISTA DE FIGURAS</u>	9
<u>LISTA DE QUADROS</u>	10
<u>LISTA DE TABELAS</u>	11
<u>1 INTRODUÇÃO</u>	12
<u>1.1 O PROBLEMA</u>	12
<u>1.2 FORMULAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA</u>	13
<u>1.3 OBJETIVOS</u>	15
<u>1.3.1 Objetivo Geral</u>	15
<u>1.3.2 Objetivos Específicos</u>	15
<u>1.4 JUSTIFICATIVA</u>	15
<u>1.5 DEFINIÇÃO DE TERMOS</u>	16
<u>1.6 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO</u>	17
<u>1.7 LIMITAÇÃO DO ESTUDO</u>	17
<u>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</u>	18
<u>2.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS</u>	18
<u>2.2. A ERGONOMIA E O ESPORTE</u>	18
<u>2.3 O ADOLESCENTE</u>	20
<u>2.4 O ESPORTE BASQUETEBOL</u>	26
<u>2.4. PERSONALIDADE</u>	26
<u>2.5. A ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE</u>	30
<u>2.6 A COMPETIÇÃO PRECOCE</u>	34
<u>2.7 MOTIVAÇÃO</u>	36
<u>2.8 ESTRESSE</u>	39
<u>2.9 O PAPEL DO TÉCNICO</u>	44
<u>2.10 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA</u>	48
<u>2.11 O ABANDONO DO ESPORTE</u>	50
<u>3 METODOLOGIA</u>	52
<u>3.1 MODELO DE ESTUDO</u>	52
<u>3.2 POPULAÇÃO DO ESTUDO AMOSTRA</u>	52
<u>3.3 AMOSTRAGEM</u>	53
<u>3.4 INSTRUMENTO DE PESQUISA</u>	53
<u>3.4.1 Testagem do Instrumento</u>	53
<u>3.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS</u>	54
<u>3.5.1 Tratamento Estatístico</u>	54
<u>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</u>	55

<u>4.1. OS EX-ATLETAS DE BASQUETEBOL DE CURITIBA</u>	55
<u>4.1. O ABANDONO DA MODALIDADE</u>	65
<u>4.2 PROPOSIÇÃO DE NOVAS ESTRATÉGIAS DE AÇÃO</u>	73
<u>5.1 CONCLUSÕES</u>	75
<u>5.2 RECOMENDAÇÕES PARA FUTUROS TRABALHOS</u>	76
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	77
<u>APÊNDICES</u>	81
<u>QUESTIONÁRIO 1</u>	81
<u>QUESTIONÁRIO 2</u>	82

Lista de Figuras

FIGURA 1: Inter-relação e cumplicidade da Educação Física e Ergonomia.....	19
FIGURA 2: Faixa etária dos (as) ex-atletas.....	52
FIGURA 3: Gênero dos entrevistados.....	56
FIGURA 4: Motivos que levaram a praticar o basquetebol.....	57
FIGURA 5: Tempo que treinou basquetebol.....	57
FIGURA 6: Idade que iniciou nas competições.....	58
FIGURA 7: Idade que abandonou o basquetebol.....	59
FIGURA 8: Número de vez que treinava semanalmente.....	60
FIGURA 9: Como se sentia em relação ao número de vezes que treinava.....	60
FIGURA 10: Gostava de Treinar.....	61
FIGURA 11: Gostava de Competir.....	62
FIGURA 12: Como se sentia durante as competições.....	62
FIGURA 13: Relacionamento com o técnico.....	63
FIGURA 14: Relacionamento com os companheiros de equipe.....	64
FIGURA 15: Apoio dos pais.....	65
FIGURA 16: Interferência dos estudos.....	66
FIGURA 17: Falta de apoio da família.....	67
FIGURA 18: Necessidade de trabalhar.....	68
FIGURA 19: Obrigatoriedade de treinar todos os dias.....	69
FIGURA 20: Falta de motivação.....	70
FIGURA 21: Insucessos repetitivos.....	70
FIGURA 22: Reconhecimento da falta de talento e/ou aptidão.....	71
FIGURA 23: Dificuldade de obter melhoria nos resultados, após certo período.....	72

Lista de Quadros

QUADRO 1: comparativo entre o ideal e a prática das idades propícias para o treinamento.....	24
QUADRO 2: Fundamentos do basquetebol, seus tipos e características principais .	27
QUADRO 3: Tipos de riscos à que está exposta a criança quando da prática intensiva de uma modalidade esportiva.....	32
QUADRO 4: Quadro comparativo tipo vencedor e tipo perdedor.....	39
QUADRO 5: Quadro das conseqüências físicas e comportamentais do estresse ...	43

Lista de Tabelas

TABELA 1: Idades médias de início e dos melhores resultados de atletas alemães.....	25
---	----

1 INTRODUÇÃO

1.1 O Problema

Criado nos Estados Unidos pelo canadense James Naismith em fins de 1891 e introduzido no Brasil em 1896 por Auguste F. Shaw em São Paulo (FERREIRA, 1987), o basquetebol evoluiu muito nas últimas décadas tornando-se um esporte, embora eletizado em muitos lugares, praticado em quase todas as partes do mundo.

Alguns motivos levaram Naismith a criar este novo jogo, como a necessidade de incentivar a prática da atividade física pelos alunos da Associação Cristã de Moços local, pois começavam a apresentar sinais de desinteresse devido à monotonia das aulas, criar uma atividade que pudesse ser praticada em local coberto e por um grande número de pessoas ao mesmo tempo (FERREIRA, 1987). Após passar por várias modificações, chega-se nos dias atuais a este esporte que representa uma modalidade motivante e em constante evolução, tanto em termos de aperfeiçoamento das equipes como em termos organizacionais.

Mundialmente falando, a grande potência nos dias atuais continua sendo os Estados Unidos, país criador do basquetebol e possuidor do campeonato profissional mais organizado e valorizado do planeta, a NBA (National Basketball Association), que possui equipes com atletas de várias partes do mundo e que ajudou e continua ajudando a popularizar o basquete, trazendo prestígio e brilho ao basquetebol mundial, motivando sua prática e expandindo a modalidade por todo o planeta.

No Brasil, o basquete passa por momento de reorganização nas estruturas das entidades responsáveis pela promoção e divulgação da modalidade, CBB (Confederação Brasileira de Basquetebol) e federações estaduais. Ocorre também paralelamente a isso uma renovação no quadro de atletas. Ídolos recentes como Oscar, Hortência e Paula contribuíram e muito, quando no auge de suas carreiras, para a divulgação e popularização da modalidade no país. Atualmente o Brasil está carente de ídolos neste esporte, embora surjam boas promessas todos os anos, como a mais recente, do atleta Nenem de São Paulo que assinou um contrato milionário com a NBA por um período de 4 anos.

Em todo o território brasileiro, apenas o futebol é considerado realmente um esporte profissional, capaz de atrair investidores, gerando grandes movimentações financeiras. O basquete, como vários outros, é considerado ainda um esporte amador no Brasil, sobrevivendo ora da iniciativa privada, que depende muito da situação econômica que passa, ora do incentivo de estados e municípios, limitados às vezes as situações políticas de momento.

Para adquirir grandes resultados nas competições mundiais (Olimpíada, Campeonatos Mundiais) é necessário investimento na modalidade, incentivando e popularizando sua prática por todo o território nacional.

Em Curitiba, onde até pela influência da colonização européia, tem-se um dos melhores biotipos para a prática da modalidade do país, embora o basquetebol competitivo seja desenvolvido em apenas algumas escolas, vinculadas ou não a um clube e limitadas as participações em campeonatos ou torneios promovidos pela federação estadual, prefeitura municipal ou ligas independentes.

Embora existam fatores que contribuam para o crescimento do basquetebol em nível municipal, percebe-se que, durante o processo de formação, nas primeiras competições e principalmente no período de opção de continuidade ou não da carreira esportiva, há uma evasão muito grande de atletas, colocando em risco a formação de mais equipes em nível de competição, conseqüentemente uma baixa na qualidade e resultados não satisfatórios, pois através da quantidade pode-se trabalhar e “lapidar” o atleta para obtenção de uma melhor qualidade técnica e assim obter conquistas maiores.

1.2 Formulação da Situação Problema

As preocupações em formar atletas e disputar competições são problemas e desafios encontrados por técnicos, dirigentes, escolas, clubes e federações. No entanto, preocupa-se tanto em formar e vencer, que se acaba esquecendo em manter o que já se tem e conseguir dar continuidade ao trabalho existente.

Muitas equipes são formadas através de suas categorias de base, oriundas das escolinhas esportivas do seu respectivo clube, associação ou escola. Através desta iniciativa, as crianças começam a fazer parte de um grupo seletivo de

treinamento visando competições futuras. Porém, muitos fatores levam ao fim destas equipes. Um destes fatores é o abandono dos atletas para a competição esportiva.

O esporte amador no Brasil passa por dificuldades e principalmente por falta de apoio, onde federações e entidades olham para o esporte somente em época de grandes eventos mundiais, como Copas do Mundo e Olimpíadas. O estímulo à prática de esportes muitas vezes vem do próprio praticante ou de pessoas de seu convívio social não bastando, em muitos casos, para que ele se mantenha na carreira esportiva, conseqüentemente abandonando a atividade escolhida. Sabe-se ainda, que o afastamento das crianças e adolescentes do esporte podem gerar futuros problemas sociais.

Nos últimos anos as seleções formadas por atletas de Curitiba que representam a cidade nos Jogos da Juventude do Paraná, competição para atletas de até 17 anos, não têm conquistado títulos, preocupando dirigentes e técnicos por se tratar da maior e mais populosa cidade do estado do Paraná e mesmo assim sofrendo derrotas para pequenas cidades do interior.

A evasão precoce nas categorias menores (12 a 16 anos) de atletas de basquetebol em Curitiba tem comprometido em muito esta categoria e a categoria adulta que, nos dias atuais, conta com apenas duas equipes e ambas do sexo masculino, formadas por atletas que muitas vezes só se reúnem para jogar, não passando por períodos de treinamento adequados e necessários para um bom desenvolvimento em competições, colaborando, esta evasão, para o não crescimento desta modalidade em nível municipal, estadual e nacional.

Muitas instituições de ensino em Curitiba possuem um programa relacionado à prática do basquetebol através de treinamento e apoio à competição. Outras, porém, só desenvolvem a modalidade quando surgem novos talentos durante as aulas de Educação Física ou recebem apoio financeiro momentâneo para participarem de competições e desenvolverem um programa de treinamento.

O abandono do esporte está relacionado a vários fatores que além de variados também são complexos.

Singer (1977) relaciona as razões mais comuns que levam os jovens a abandonarem o esporte, citando como exemplos:

pressão externa (técnico, amigos, pais), estresse da competição, falta de apoio, falta de bons relacionamentos (técnicos e colegas de equipe), falta de oportunidades maiores de jogar no time, falta de estímulo tipo desafio.

Questiona-se então: seriam realmente estes fatores responsáveis diretos por esta evasão de atletas de basquetebol na cidade de Curitiba? Seria a falta de maior apoio por parte das entidades responsáveis em promover a modalidade? Ou há um desinteresse geral por parte dos adolescentes na prática esportiva? Quais os principais motivos que levam a criança ou adolescente a deixar de praticar o basquetebol no município? O estudo destas questões poderá contribuir com o basquetebol de Curitiba para reflexões em busca de um maior envolvimento na participação dos jovens atletas de basquetebol na capital paranaense.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar os fatores que levam os jovens de ambos os sexos ao abandono da prática do basquetebol competitivo na cidade de Curitiba na faixa etária de 12 a 16 anos.

1.3.2 Objetivos Específicos

Identificar os fatores que contribuíram para o abandono de jovens atletas de basquetebol de ambos os sexos na cidade de Curitiba.

Analisar a motivação dos ex-atletas em relação ao treinamento e a competição.

Analisar o relacionamento entre ex-atletas e treinador.

Analisar o apoio dos pais dos ex-atletas de basquetebol de Curitiba, durante o período na qual foi praticada a modalidade.

1.4 Justificativa

Estando o basquetebol no Brasil atravessando um período de reorganização geral na busca de novos métodos e estratégias para obtenção de recursos para a

popularização maior da modalidade fortalecendo o basquetebol como um todo, torna-se importante à participação dos municípios na promoção deste esporte.

A cidade de Curitiba possui grande infra-estrutura na parte esportiva, sendo, em determinadas modalidades, referência nacional. Embora organizada, a preocupação da promoção e participação maciça no esporte é constante. Existem várias maneiras para se chegar a essa massificação, contudo, durante o processo de promoção das competições, no caso do basquetebol, nota-se uma baixa no número de equipes e conseqüentemente no número de participantes envolvidos nestes eventos.

O resultado deste trabalho mostrará os problemas encontrados pelos adolescentes de 12 a 16 anos que abandonaram a prática do basquetebol como competição para resgatar a prática sistemática e participativa desta modalidade na cidade de Curitiba, motivando clubes, associações e as escolas que ainda mantêm esse esporte nos seus projetos e incentivando novas instituições, orientando sobre os cuidados que se devem ter para a manutenção da criança e do adolescente em equipes esportivas.

Entende-se que a realização deste estudo poderá contribuir cientificamente para um melhor aproveitamento de nossos jovens na prática esportiva, tendo como exemplo o caso do basquetebol em Curitiba, onde são apontados os motivos destes atletas a abandonarem a modalidade em questão, sugerindo paralelamente soluções para os possíveis problemas diagnosticados, auxiliando na orientação de técnicos, pais, professores, atletas, federações e demais envolvidos com o esporte para um melhor planejamento e desenvolvimento da modalidade na capital paranaense.

Problemas de incentivo e futuro pessoal são as primeiras respostas que se encontram para justificar o abandono da modalidade mas, a falta de pesquisas que comprovem ou contradigam estas idéias é um desafio para quem vivencia este esporte.

1.5 Definição de termos

Basquetebol competitivo: prática esportiva da referida modalidade com sessões de treinamento para futuras participações em competições.

Técnico de basquetebol: profissional com especialização na modalidade, responsável pela formação, comando e definição de estratégias de uma equipe.

Abandono da modalidade: ato de afastar-se das atividades de treinamento e participação em torneios ou campeonatos.

Treinamento técnico: atividades desenvolvidas na busca de aperfeiçoar fundamentos básicos e necessários a uma prática esportiva.

Treinamento tático: atividades desenvolvidas com o objetivo de planejar e executar de forma racional a disposição dos atletas em quadra, visando atingir os objetivos propostos com maior facilidade.

1.6 Delimitação do Estudo

A presente pesquisa delimita-se as informações coletadas de ex-atletas de basquetebol de ambos os sexos de escolas, clubes, associações ou seleções municipais da região de Curitiba, que passaram por um processo de pelo menos 1 (um) ano letivo de treinamento e vivenciaram competições durante este período.

1.7 Limitação do Estudo

As limitações para a realização desta pesquisa estão relacionadas ao fato dos ex-atletas não possuírem o mesmo tempo de exposição à prática da modalidade e também ao fato de possuírem vivências diferentes devido as diferenças entre escolas públicas e privadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Considerações Iniciais

Para entender melhor a análise dos fatores que levam os atletas de basquetebol de Curitiba a abandonarem este esporte necessita-se de uma revisão inicial a cerca do próprio adolescente, do seu envolvimento com o esporte através da iniciação esportiva, da personalidade do (a) atleta, da motivação, das situações de estresse vividas nos treinamentos e nas competições, do problema da especialização, treinamento e competição precoce, da participação da família e do técnico na vida esportiva da criança e do adolescente, bem como revisar sobre o treinamento do basquetebol e suas bases fisiológicas e os possíveis fatores que possam predispor os jovens ao abandono desta modalidade esportiva e, associando a ergonomia ao esporte, proporcione - se também uma facilitação do trabalho dos envolvidos com a modalidade na cidade de Curitiba.

2.2. A ERGONOMIA E O ESPORTE

Derivada das palavras gregas “ergon” (trabalho) e “nomos” (leis, regras), a ergonomia pode simplesmente ser definida como a “ciência do trabalho”.

Alguns autores (LIDA, 1992; LAVILLE, 1977; CORLETT, 1992; MORO, 1992 e WISNER, 1987) definem ergonomia como o estudo da adaptação do trabalho ao homem.

Para Wisner (1987) a Ergonomia é baseada nos conhecimentos das ciências do homem, como fisiologia, economia, antropometria, psicologia e outros. Laville (1997, pg. 1) afirma que ergonomia é o “conjunto de conhecimentos a respeito do desempenho do homem em atividade, afim de aplicá-los a concepção de tarefas, dos instrumentos, das máquinas e dos sistemas de produção”.

Percebe-se então que além de possuir um caráter puramente aplicativo, a ergonomia possui uma interdisciplinaridade muito vasta, agregando conhecimentos de outras áreas para também atingir seus objetivos.

Segundo Montmollin (*apud* WALTRICK, 1996), “estudar ergonomia facilita a compreensão das dificuldades do trabalhador nas mais variadas áreas”.

Esta multidisciplinaridade que cerca a ergonomia contribuiu para muitas disciplinas acharem dentro dela um novo caminho de pesquisa e aplicação de seus conhecimentos (LIDA, 1992).

Aumentar a produtividade humana, melhorando o seu desempenho esportivo e/ou facilitando o trabalho de quem atua na área é uma das associações, que se pode fazer entre Ergonomia e Educação Física, pois nesta, o indivíduo é trabalhado como um todo (figura 1).

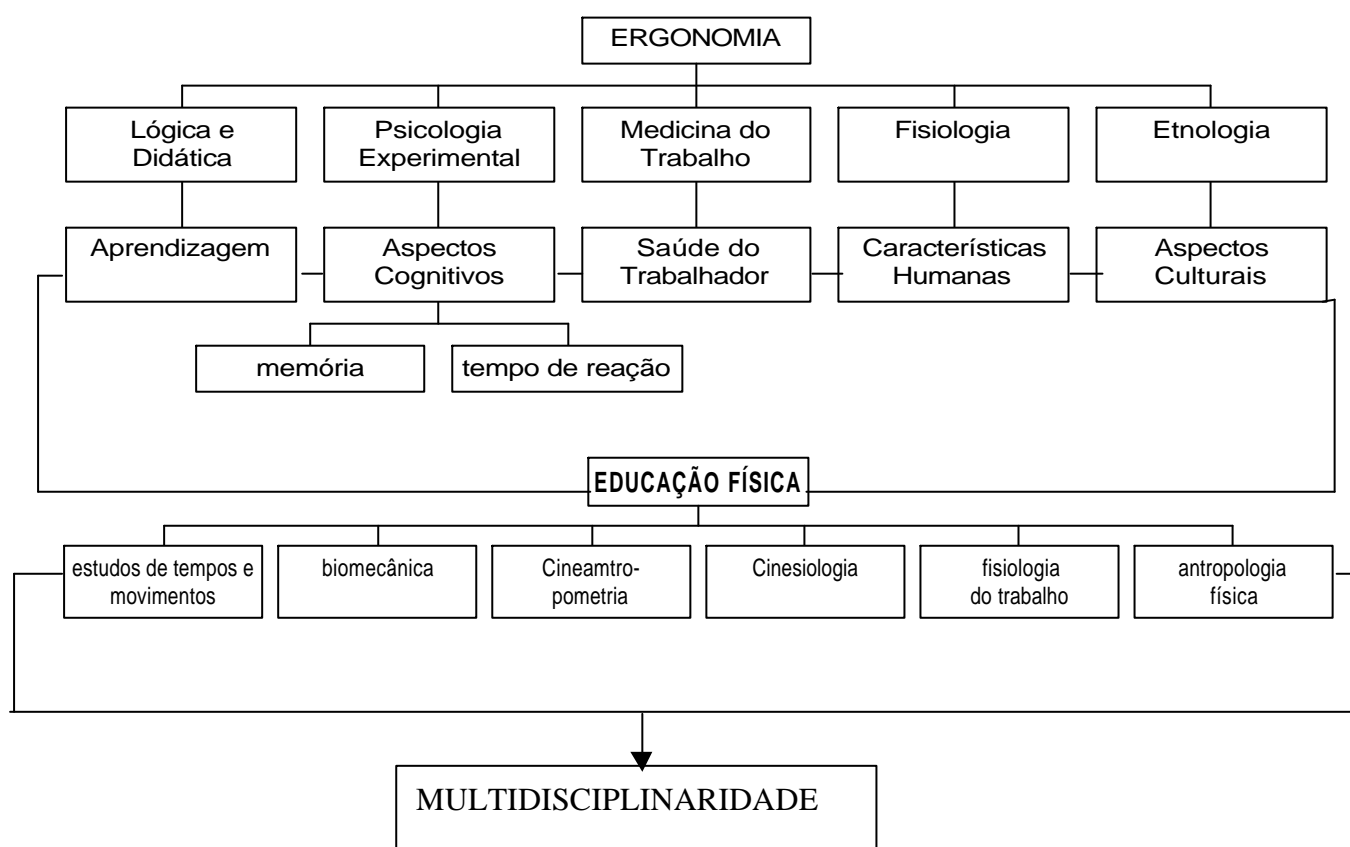


Figura 1: Inter-relação e cumplicidade da Educação Física e Ergonomia
Fonte: Waltrick, 1996.

Se através deste estudo, os motivos do abandono do basquetebol por parte dos atletas curitibanos facilitar treinadores, dirigentes e responsáveis pela modalidade afim de que possam desenvolver técnicas adequadas de captação,

desenvolvimento e manutenção de novos atletas para um melhor aproveitamento do basquetebol de Curitiba, estará sendo atingido um dos objetivos da ergonomia, que é a melhora na qualidade e na produtividade em si.

2.3 O Adolescente

Daiuto (1983, p. 37) considera que “a idade pré-puberal congrega meninos de 12 a 14 anos e meninas de 10 a 12 anos e, no período puberal estão os meninos de 14 a 16 anos e as meninas de 12 a 14 anos, iniciando-se a adolescência propriamente dita por volta dos 13 ou 14 anos para ambos os sexos”. Percebe-se que os termos adolescência e puberdade são usados para definir a mesma fase. Já para De Rose Jr. (2002, p. 33), “o período da segunda infância ou do início da adolescência compreende entre os 10 e os 12 anos de idade”.

Para compreender melhor a relação da idade com a fase em que se encontra, Matto (1978, p.29) explica que “é preciso observar as diferenças entre a idade biológica e a idade cronológica”.

A idade cronológica é uma consequência natural e evolutiva dos indivíduos, diferentes em muitas características e, idade biológica é estabelecida através do peso, altura, composição corporal, maturação esquelética e desenvolvimento dos indivíduos (ASTRAND, 1992).

Considerada por muitos a fase das grandes transformações, a adolescência é, sem dúvida nenhuma, o período mais crítico e de maiores mudanças na vida do ser humano, do ponto de vista físico, intelectual, emocional e social.

Sob o ponto de vista físico, Guedes & Barbanti (1995, p.37) afirmam que “a infância e a adolescência se constituem nos períodos críticos mais importantes com relação aos aspectos motores”. Caracterizam-se por um crescimento rápido, pela diferenciação sexual e pela fixação do tipo individual. O rápido crescimento ósseo ocasiona, inicialmente, alguma perda do controle e do domínio corporal, ao mesmo tempo em que diminui a resistência à fadiga. Passada a fase inicial da adolescência, paulatina e progressivamente, volta o controle muscular e da coordenação.

Durante esse período acentuam-se as diferenças corporais próprias dos sexos, que podem resultar em melhor rendimento muscular dos rapazes; mas, como

quase sempre interferem razões psicológicas; difícil se torna fazer afirmações categóricas sobre o assunto (DAIUTO, 1983).

Sob o ponto de vista intelectual, após um período de instabilidade, que corresponde à pré-adolescência, surge a capacidade para o pensamento abstrato, para as investigações e o desejo profundo de conhecimentos científicos, filosóficos e muito especialmente metafísicos e éticos (DAIUTO, 1983).

Já sob o ponto de vista emocional, as causas mais comuns dos distúrbios emocionais na infância e adolescência são: a dúvida sobre o nascimento, crença da criança de que foi enganada, tratamento rigoroso ou injusto, vergonha, solidão, nostalgia e o sentimento de não ser compreendido, vaidade acompanhada de sensibilidade, mudança de crenças religiosas, falta de atrativos, mudanças no comportamento sexual, impulsos de indisciplina (DAIUTO, 1983).

A adolescência é, com efeito, um período de auto-afirmação, às vezes violenta e espasmódica, outras vezes progressiva, mas que provoca quase sempre uma tensão nas relações entre o indivíduo e o meio, e dá ao desenvolvimento da personalidade o aspecto de uma conquista mediante meios diversos (NÉRICE, 1970).

O mesmo Nerice (1970, p.30) coloca que "no início da adolescência o caráter dos jovens de ambos os sexos se torna dócil mas, instável, submetido a constantes mudanças de humor e a bruscas irritações, seguidas de períodos de depressão".

Em se tratando do ponto de vista social, há, no início da adolescência, um retraimento, ao que se segue uma integração positiva nos diversos núcleos sociais e culturais: associações científicas, filosóficas, artísticas, clubes desportivos, partidos políticos e grupos religiosos, entre outros.

Nessas condições, a orientação da educação social é bastante difícil durante os primeiros anos da adolescência. Mais tarde torna-se mais fácil familiarizar os jovens com as atividades, os pontos de vista e as reações dos adultos. Durante a transição da vida social pré-adolescente, ainda gregária, para uma vida social cada vez mais complexa, que é a do adulto, faz-se necessário o trabalho em equipe, onde os esportes poderão fornecer valiosas contribuições para este período (DAIUTO, 1983).

2.4 Iniciação Esportiva

A contribuição do esporte para um melhor desenvolvimento físico, social e emocional da criança e do adolescente, é conhecido e amplamente difundido entre os meios de comunicação e as instituições capazes de fornecer opções para a prática esportiva.

Samulski (1992, p. 59) confirma que “através do esporte se deverá fomentar positivamente a disposição para o comportamento social, a estabilidade emocional, a motivação para o rendimento, autodisciplina e força de vontade”.

Definir iniciação esportiva é fundamental para compreender os processos nela envolvidos. Becker Jr. (2000, p.48) entende como “o processo que leva uma pessoa (normalmente uma criança) desde sua chegada a uma escolinha (termo genérico, utilizado para denominar as escolas esportivas infantis) até a prática esportiva competitiva”. Este processo implica um aprendizado e posterior treinamento progressivo, direcionado a melhorar e depois aperfeiçoar os diferentes aspectos orgânicos, funcionais, técnicos e táticos necessários ao ótimo rendimento no esporte escolhido.

Vários são os motivos que levam as crianças e os adolescentes a procurarem uma modalidade esportiva. Podem estes ser de ordem interna, ou seja, que parte intrinsecamente da própria criança, ou externo, como sugestão por parte de pais, amigos ou técnicos.

Rius (1995, p.199) coloca que “os objetivos que as crianças e adolescentes perseguem mediante a prática esportiva organizada são, por ordem de importância: a) divertir-se, b) melhorar suas habilidades esportivas e aprender novas, c) estar com seus amigos e fazer novas amizades, d) buscar novas emoções, e) ter êxito, popularidade e vencer, f) estar em forma”.

Belerze, Vieira, Krebs (2002, p.101) afirmam que “os fatores motivacionais mais significativos para as atividades esportivas, tanto para meninos quanto para meninas, são os relacionados à saúde, à amizade, ao lazer e à competência esportiva”.

Em relação aos motivos das crianças do sexo feminino para a prática de atividades esportivas, os mais frequentes são relacionados ao ego, em que divertimento e a distração parecem ser as razões mais relevantes para este grupo.

Quanto aos motivos do sexo masculino, os mais evidenciados foram relacionados diretamente com a tarefa, em que o prazer pela realização do movimento e o gosto pelo esporte foram as razões mais importantes (BELERZE, VIEIRA e KREBS, 2002).

Em seus estudos, Barbanti (*apud* De Rose Jr. 2002, p.62) esclarece que “os meninos são mais influenciados pelos amigos do que as meninas, que são mais influenciadas pelos pais”.

Em relação a qual esporte praticar, Massucato (1988, p.55) coloca que “a preferência pela prática de uma modalidade esportiva está mais na dependência de influências externas do que propriamente no aproveitamento das habilidades e dos somatotipos individuais. As influências externas são mais marcantes. Devido aos parentes mais próximos já terem praticado uma determinada modalidade esportiva, os mesmos procuram infundir no ânimo da criança a continuidade desse trabalho”.

Os pais são determinantes no incentivo e na escolha da modalidade a ser desenvolvida, prevalecendo muitas vezes a vontade dos próprios pais e não da criança que estará diretamente envolvida com a nova prática. Becker Jr. (2000, p.17) comenta que “alguns pais matriculam seu filho numa escola esportiva sem consultá-lo, apenas informando o horário que deverá praticar a mesma, onde o critério para a escolha da atividade, muitas vezes, é que naquele horário os pais têm afazeres profissionais ou sociais, que os impediriam de ficar cuidando da criança”.

Um outro fator que interfere na escolha de um esporte por parte da criança é a ordem de nascimento. Os filhos primogênitos parecem escolher os esportes menos perigosos que os outros filhos. Na verdade eles não escolhem, pois parece haver uma certa proteção dos pais, que só permitem a participação do primogênito em esportes de menor risco. Em um levantamento realizado entre atletas olímpicos, verificou-se que a maioria deles são segundos ou terceiros filhos (BECKER JR., 2000).

Há também os motivos relacionados com o meio ambiente, principalmente com os colegas mais próximos, que praticam determinado esporte. Essas influências fazem com que a mesma procure aproximar-se mais dos amigos e, conseqüentemente, praticar junto com os mesmos aquela modalidade esportiva (MASSUCATO, 1988).

Existem algumas divergências em relação à idade correta para ocorrer à iniciação esportiva. Para De Rose Jr. (2002, p.27) “não existe um período ótimo para

todas as atividades, uma vez que há especificidades para os vários domínios do comportamento e a grande variabilidade de conteúdos”.

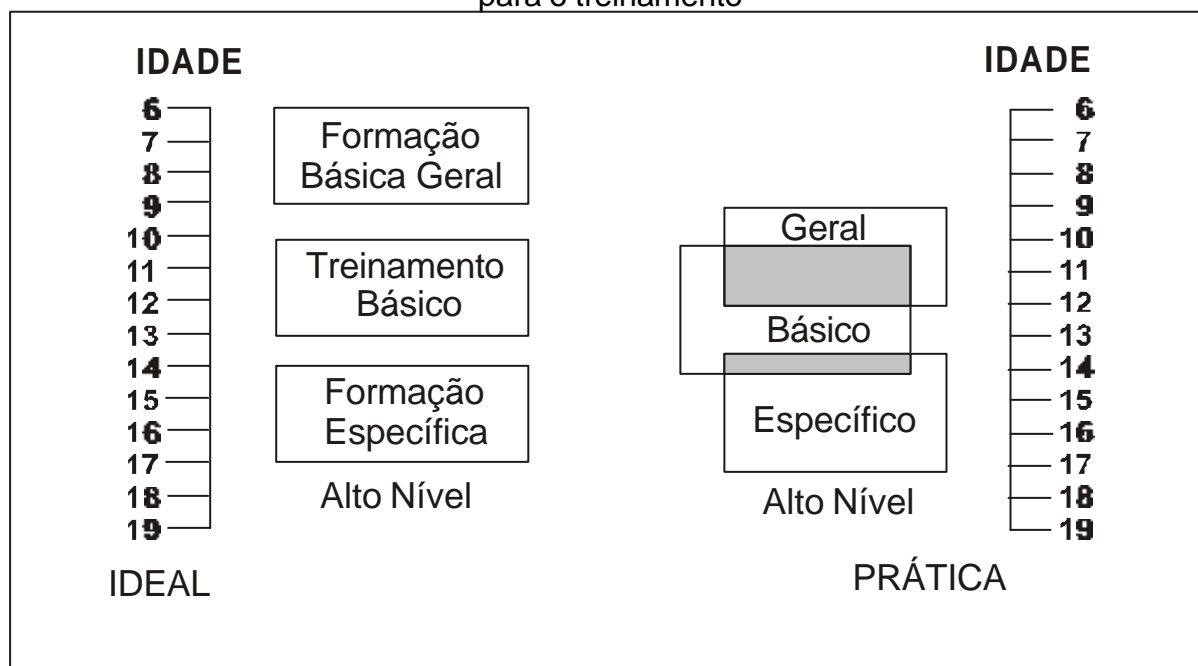
Já para Becker Jr. (2000, p.16) “o nível máximo de participação ocorre aos doze anos, etapa em que ingressarão na adolescência”.

Ao entrar em uma modalidade esportiva, a criança ou adolescente passará por um processo de adaptação ao esporte escolhido, desenvolvimento das suas valências físicas e aprendizagem e desenvolvimento da técnica da modalidade através dos fundamentos da mesma. O correto é estabelecer um trabalho em longo prazo, para se evitar queimar etapas durante o processo, evitando causar danos como baixa produtividade e falta de estímulo.

De Rose Jr. (2002, p.120) afirma que “o planejamento do trabalho em longo prazo para cada modalidade esportiva deve ocorrer do final para o começo, ou seja, com base na idade do alcance dos melhores resultados, faz-se uma retrospectiva de qual deve ser a idade de início de treinamento para a formação específica na modalidade considerada”.

Para facilitar a compreensão o mesmo autor mostra dois quadros demonstrativos. O primeiro (Quadro. 1), propõe um modelo ideal das idades propícias para cada nível do treinamento em longo prazo.

Quadro 1: Quadro comparativo entre o modelo ideal e a prática das idades propícias para o treinamento



Fonte: De Rose Jr. (2002).

As idades médias de início e dos melhores resultados de atletas alemães também foram demonstradas por De Rose Jr. (2002), adaptado de Martin e colaboradores (1991) (tabela. 1).

Tabela 1: Idades médias de início e dos melhores resultados de atletas alemães

Esporte	Masculino				Feminino			
	Início		Melhores Resultados		Início		Melhores Resultados	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Boxe	12,7	3,3	20,3	2,0				
Esgrima	10,7	2,1	19,2	1,3				
Judô	7,1	2,3	19,8	2,1	8,1	1,0	17,9	1,3
Levantamento de peso	13,1	2,5	18,8	1,0				
Atletismo	13,3	2,7	19,1	1,6	12,6	2,3	17,9	1,4
Ciclismo	10,6	3,2	18,4	2,0	11,2	3,2	18,1	1,4
Remo	14,2	0,9	19,4	1,4	15,6	2,4	20,0	2,1
Canoagem	13,1	2,5	19,6	2,3	12,3	2,4	19,0	2,5
Natação	9,8	2,3	16,9	0,8	9,4	1,9	15,6	0,9
Tênis de mesa	7,6	1,8	13,6	1,7	8,6	1,2	14,6	1,2
Voleibol	11,6	1,6	17,1	0,7	12,0	2,3	17,1	0,9
Ginástica Olímpica	8,9	1,8	16,9	2,0	7,9	2,0	13,3	1,3
Saltos Ornamentais	9,7	1,9	17,4	2,4	9,3	2,7	16,6	1,7
Pólo Aquático	10,7	1	0,2	17,4	0,9			

M : Média

DP : Desvio Padrão

Fonte: De Rose Jr. (2002).

Em média, o período de treinamento básico inicia-se por volta dos 10 a 11 anos de idade. Os níveis e as respectivas etapas do treinamento em longo prazo estão intimamente relacionados e não ocorrem independentemente um do outro; o que pode acontecer é que o(a) jovem atleta não tenha vivenciado de maneira apropriada uma ou mais etapas na seqüência temporal adequada, e que a(s) sua(s) deficiência(s) de formação esportiva tenha(m) que ser de algum modo “compensada(s)” posteriormente. Em termos ideais, o (a) jovem atleta deveria

passar por um processo completo de formação esportiva, no(s) período(s) para esse(s) fim (ns).

2.4 O Esporte Basquetebol

A prática de esportes sempre foi vista como uma das saídas para um futuro melhor dos jovens e adolescentes, seja em relação a saúde, bem estar físico ou social. Associa-se a prática de esportes situações como o aprender a respeitar seus limites e os limites dos outros, melhor qualidade de vida, a disciplina sendo atleta, o menor índice no consumo de drogas e até mesmo um melhor rendimento escolar.

O basquetebol como esporte competitivo e sendo uma modalidade coletiva, proporciona aos seus praticantes o desenvolvimento de todos estes adjetivos citados, estando no Brasil como um dos três esportes mais populares do país.

Em termos mundiais, o basquetebol atual encontra-se em plena expansão, com a grande potência ainda sendo os Estados Unidos, seguidos por Rússia, Iugoslávia, Cuba, Brasil, França entre outros países.

Em relação à prática, o basquetebol é constituído por uma soma de habilidades que, unidas, compõem o jogo em si. Cada uma destas habilidades, isoladamente, constitui uma unidade significativa e total em si mesma.

A natureza do basquetebol é complexa e exige muito das características físicas, técnicas, táticas e mentais requerendo habilidades diferenciadas para se adquirir padrões de rendimento elevados (MEDALHA e BORSARI, 1975).

De acordo com Daiuto (1983, p.87), o basquetebol “é uma sucessão de esforços intensos e breves, realizados em ritmos diferentes. É um conjunto de corridas, saltos e lançamentos”. Pela prática do basquetebol pode-se determinar como objetivos diretamente ligados ao praticante o seu desenvolvimento nos planos físico, técnico tático, psicológico, moral e social neste esporte.

No plano físico pode-se desenvolver as capacidades físicas básicas envolvidas na execução dos fundamentos, a saber: coordenação, ritmo, equilíbrio, agilidade, força, velocidade, flexibilidade e resistência cardiorespiratória.

Em se tratando de exigência muscular, pode-se afirmar que no basquetebol os membros inferiores são os que recebem maior destaque, devido aos constantes deslocamentos e saltos. Os grupos musculares desses membros são exigidos em

termos de potência (força x velocidade), elasticidade e velocidade de contração. Outros grupos musculares também são importantes para o desenvolvimento dos praticantes, como os localizados nos membros superiores, mais exigidos em termos de coordenação, velocidade de contração e precisão, pois destas qualidades dependem os bons arremessos e os passes precisos.

No plano técnico encontram-se os fundamentos, onde o bom desenvolvimento técnico do atleta de basquetebol só ocorre a partir do momento em que ele domine os fundamentos dessa modalidade. Os fundamentos então representam os movimentos e gestos básicos do esporte e o seu domínio implica numa melhor performance por parte dos praticantes. Os fundamentos podem ser classificados de acordo com suas características (ataque, defesa, com ou sem bola) e possuem tipos diferentes, que implicam variadas mecânicas de execução (FERREIRA, 1987). No quadro 2 são indicados os fundamentos, suas características e tipos.

Quadro 2: Fundamentos do basquetebol, seus tipos e características principais

Fundamentos	Tipos	Características
Controle de corpo	Paradas bruscas, saídas rápidas, fintas, saltos, giros, corridas e deslocamentos.	Sem bola Defesa Ataque
Controle de bola	Habilidades diversas	Com bola Ataque
Drible	Alto, baixo, parado, em velocidade e com mudanças de direção.	Com bola Ataque
Passes	Com as duas mãos: à altura do peito, acima da cabeça, por baixo e picado. Com uma das mãos: picado, à altura do ombro, tipo gancho e por baixo.	Com bola Ataque
Arremessos	Bandeja, com uma das mãos, jump e tipo gancho.	Com bola Ataque
Fundamentos individuais de defesa	Posição básica de defesa Deslocamentos	Sem bola Defesa
Rebote	Ofensivo Defensivo	Fase com bola Fase sem bola

Fonte: Ferreira 1987

Em relação ao plano social Ferreira (1987, p.4) afirma que “o praticante do basquetebol desenvolve a confiança em si mesmo, a responsabilidade, a sociabilidade, o espírito de cooperação e de luta, o reconhecimento da vitória e da

derrota e a agressividade criativa, que é a determinação e a coragem para tomar decisões e realizar tarefas durante um jogo”.

Quanto ao plano psicológico e ao plano moral envolvido na prática do basquetebol, pode-se afirmar que o praticante desse esporte desenvolve a confiança em si mesmo, a responsabilidade, a sociabilidade, o espírito de cooperação, o espírito de luta, o reconhecimento da vitória e da derrota e a agressividade criativa, que é a determinação e a coragem para tomar decisões e realizar tarefas durante uma partida (FERREIRA, 1987).

No que diz respeito ao plano tático, o basquetebol é uma modalidade esportiva onde cada jogador é peça fundamental de sua equipe, porém, somente o valor individual não basta para se formar uma equipe, o conjunto e o entrosamento é fundamental (DE PAULA, 1994). Para isto, há necessidade de uma rotina de treinamentos e jogos, onde se aprende e desenvolvem-se táticas ofensivas e defensivas. Uma equipe taticamente bem montada é aquela onde há um equilíbrio entre a defesa e o ataque, pois no basquetebol todos os atletas atacam e todos também exercem função de marcação.

2.4. Personalidade

A personalidade não pode ser medida e não existem duas pessoas iguais. Estas afirmações, aparentemente óbvias, são importantes para se saber que as pessoas interpretam de maneira diferente a mesma informação, ou seja, cada indivíduo reage de maneira diferente ao receber uma informação ou um estímulo. Para o atleta, a situação não é diferente. Durante a prática esportiva, a criança praticante de esportes começa a aprender a controlar suas emoções, entende que os rompantes da irritação podem trazer penalidades e reprovações dos colegas ou dos espectadores (LAWTHER, 1973). Começa nesta fase a ser mais corajoso e/ou esconder seus medos, aprende a ser menos impulsivo e reage com maior cautela em situações difíceis. O mesmo autor reconhece que embora praticando o mesmo esporte, os indivíduos nunca são iguais e mesmo sendo atletas, não diferem muito em seus traços de personalidade em relação aos não atletas.

O fato de o indivíduo participar de competições esportivas parece não afetar a personalidade, entretanto os programas de treinamentos qualificados que visam a

melhora na condição física e técnica podem ter efeitos positivos na disposição, auto-estima e saúde mental (MAGILL, 1984).

A personalidade esportiva é apenas uma maneira dos que estão envolvidos nos meios de comunicação para se referendar atletas como Pelé, Zico, Ayrton Senna entre outros como sendo possuidores de qualidades positivas além dos demais atletas (SAMULSKI, 1995). Qualidades como autodisciplina, inteligência para o jogo, controle emocional, motivação positiva e concentração, que exercem influência sobre os jovens atletas.

Sack (*apud* SAMULSKI, 1995), nos atletas jovens de 12 a 22 anos encontram-se as seguintes diferenças: os praticantes são mais motivados para o rendimento e são menos reservados e fechados, revelando menor ansiedade, com boa capacidade de adaptação social, mostrando mais interesse para atividades práticas do que teóricas.

Os desportistas caracterizam-se, segundo Olivie & Tulko (*apud* SAMULSKI, 1995) como sendo pessoas muito ordenadas e disciplinadas, com disposição para liderança e muito respeitada pelas autoridades, dispõem de uma elevada capacidade de autoconfiança, de resistência psíquica, de autodomínio, de baixo nível de ansiedade e de elevada capacidade para revelar comportamentos agressivos.

Percebe-se então que através do esporte se deverá fomentar positivamente a disposição para o comportamento social, a estabilidade emocional, a motivação para o rendimento, autodisciplina e a força de vontade, pois o esporte é considerado como fator socializante. A atividade desportiva influencia a personalidade e o desenvolvimento da personalidade de uma forma específica, alterando, por exemplo, a motivação para o rendimento, o comportamento agressivo e o papel da mulher, entre outros (SAMULSKI, 1995).

A participação dos jovens no esporte tem sido visto como um fator primordial para o desenvolvimento do ajustamento social e pessoal, o qual melhora o autocontrole bem como outras características da personalidade que, de um modo geral, existe uma concordância de que os atletas de equipes esportivas seriam mais estáveis, práticos, dignos de confiança, interessados em soluções imediatas e também mostrariam maior responsabilidade e seriam emocionalmente mais ajustados. Seriam menos afetados no tocante a maioria e mais realistas tendendo a maior solidariedade grupal.

2.5. A Especialização Precoce

Tema gerador de muita controvérsia, a especialização precoce em uma determinada modalidade esportiva é um problema não só para o desenvolvimento da criança no esporte escolhido mas também no que se diz respeito a vivência desta em outras oportunidades em vivenciar outras possibilidades esportivas ou não, poder passar por outros esportes adquirindo bagagem motora, psicológica e social para obter assim um melhor desenvolvimento pessoal.

No mundo esportivo, não existe outro tema tão controvertido para a opinião pública e que se discute com tanta ênfase ideológica quanto o esporte infantil (HAHN, 1988).

A especialização esportiva precoce está diretamente associada com iniciação esportiva precoce. A natureza do fenômeno da iniciação precoce e competitiva de crianças é muito mais freqüente do que se pensa, basicamente por ser a criança influenciável e por sua elasticidade e dependência dos adultos. Este fenômeno se dá com muita regularidade nos países de maior hegemonia esportiva mundial e principalmente em algumas modalidades específicas e é bastante tratado na literatura especializada.

Para Persone (*apud* BECKER JR., 2000, p. 49) iniciação esportiva precoce é “a atividade esportiva desenvolvida antes da puberdade e caracterizada por uma alta dedicação aos treinamentos (mais de 10 horas semanais) e principalmente por ter uma finalidade eminentemente competitiva”. Já para Kunz (*apud* BECKER JR., 2000, p.49), referindo-se a treinamento especializado precoce entende que “este ocorre quando crianças são introduzidas antes da fase pubertária a um processo de treinamento planejado e organizado em longo prazo, que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais com o objetivo do gradual aumento do rendimento, além da participação periódica em competições”.

Estas citações concluem que existe uma certa confusão conceitual em referência aos temas iniciação esportiva precoce e treinamento especializado precoce, pois ambas definem o mesmo processo ainda que não signifiquem a mesma coisa. Então, especialização esportiva precoce é a soma da iniciação e o treinamento esportivo precoces (BECKER JR., 2000).

Ao tentar esclarecer as razões que tentam justificar a especialização precoce, percebe-se que o adiantamento da idade de máximo rendimento, principalmente em

determinados esportes, motiva as federações, os clubes e treinadores a iniciar este processo dirigido ao alto rendimento cada vez mais com maior precocidade. Observa-se que outra causa deste fenômeno é o atual sistema esportivo infantil, basicamente competitivo, que não está de acordo com as autênticas necessidades das crianças, pois é simplesmente um sistema adaptado do modelo adulto. Um aspecto importante a considerar é também a busca do êxito e vitórias a qualquer preço, isto motiva ministérios de esportes, federações nacionais e clubes a estimular a iniciação prematura. Um último aspecto decisivo talvez para explicar este fenômeno é a atitude dos pais que freqüentemente buscam uma compensação, por meio dos filhos, das vitórias e títulos esportivos não conseguidos por eles mesmos (BECKER JR., 2000).

Nos Estados Unidos várias atividades tem o seu começo antes dos cinco anos de idade (beisebol, natação, atletismo e ginástica) e inclusive natação e ginástica pode ocorrer aos três anos.

Já Walker (1982), ao estudar sobre a especialização precoce, sugere que esta especialização não ocorra entre crianças de 6 a 12 anos num esporte determinado e sim que nesta faixa etária, possa-se vivenciar um treinamento geral de educação física, enfatizando a versatilidade e o desenvolvimento básico do aparelho psicomotor, não sendo recomendado nenhum tipo de treinamento intensivo nestas idades.

Em relação às conseqüências do treinamento esportivo para crianças, tanto no esporte escolar como no esporte de alto rendimento, o desenvolvimento integral da criança (motor, cognitivo, motivacional, emocional e social) deve ser considerado em primeiro lugar e não objetivar unilateralmente o desenvolvimento do rendimento motor e da melhora do desempenho. O treinamento precoce de crianças pode apresentar problemas de ordem psicológica, pois muitas vezes as cargas de treinamento e da própria competição são exageradas e inadequadas para a faixa etária que se está trabalhando (SAMULSKI, 1995).

Visando facilitar o entendimento, Becker Jr. (2000, p.52) coloca que “os possíveis riscos de uma especialização precoce são divididos em quatro grandes áreas; riscos de tipo físico, psicológicos, motrizes e esportivos”(quadro 3).

Os riscos de tipo físicos fazem referência aos riscos que a prática esportiva competitiva iniciada precocemente pode ocasionar a saúde corporal das crianças. Problemas ósseos, articulares, musculares e cardíacos são encontrados nos jovens

atletas, dependendo da especialidade esportiva, sobretudo aquelas tecnicamente mais complexas que empregam um grande número de repetições de gestos técnicos visando a automatização e aperfeiçoamento do movimento.

Em relação aos riscos do tipo psicológico, os problemas estão relacionados com a conduta e o estado mental dos indivíduos, diagnosticando altos índices de ansiedade, estresse e frustração.

Os problemas do tipo motriz estão ligados a falta de base poliesportiva que acompanha o treinamento especializado precoce. São percebidos através de automatismos motores extremamente rígidos que impede o indivíduo de executar movimentos novos e diversificados.

Os riscos do tipo esportivo aparecem a medida em que se pergunta: será que não se está especializando uma criança para uma prática esportiva para a qual ela não tem as mínimas condições especiais exigidas? Cabe aqui a importância de uma seleção de talentos em todos os aspectos, embora exista um trabalho nesta área, com meios bastante fiáveis de predição, como a antropometria.

Quadro 3 : Tipos de riscos à que está exposta a criança quando da prática intensiva de uma modalidade esportiva

Riscos de tipo físico	<ul style="list-style-type: none"> • Lesões ósseas • Articulares • Musculares • cardíacas
Riscos de tipo psicológico	<ul style="list-style-type: none"> • níveis altos de ansiedade, estresse e frustração • sofrimento psíquico por fracassos e decepções • relatos negativos de “infância não vivida” e formação escolar deficiente
Riscos de tipo motriz	<ul style="list-style-type: none"> • “pobreza motriz” • “automatismos motores rígidos”
Riscos de tipo esportivo	<ul style="list-style-type: none"> • a especialização, sem as condições exigidas no futuro, pelo esporte escolhido

Fonte: Becker Jr. (2000)

No esporte basquetebol a especialização precoce pode ser vista não só no fato da criança iniciar e permanecer exclusivamente na modalidade muito cedo, mas também dentro do próprio treinamento, onde as posições de cada jogador são

estabelecidas previamente levando-se em conta alguns critérios como altura, nível de habilidade, força e compreensão da parte tática. Muitos treinadores de categorias menores não levam em consideração que, fisiologicamente e maturacionalmente estas crianças irão passar por mudanças, obrigando assim a ocorrer adaptações nestas posições táticas na quadra de jogo, que muitas vezes podem desestimular o atleta, pois este não consegue render em outras funções, pois foi especializado muito cedo numa determinada posição, executando tarefas específicas diferentes da posição atual. Um exemplo claro disto é o caso dos pivôs. Crianças que se destacam inicialmente por sua altura devido a um crescimento muitas vezes precoce, normalmente são direcionadas à função de pivô da equipe, pois este requer como primeiro critério de sucesso o tamanho do (a) atleta. Com o passar dos anos, esta criança não continua a desenvolver sua altura, ficando em vários casos impossibilitada de atuar na posição de origem, obrigando-se a jogar como lateral, fugindo totalmente de suas características iniciais, havendo a necessidade de um treinamento diferenciado e de um bom tempo para ocorrer esta adaptação, que pode ou não ocorrer. Quando o (a) atleta não consegue se adaptar e render dentro do grupo, é levado ao afastamento da equipe e conseqüentemente ao abandono da modalidade.

Para Paes (1997, p.32), “não existe problema no treinamento com crianças e jovens, desde que haja um respeito pelas fases que compõem o treinamento”. O mesmo autor relata ainda que três etapas devem anteceder a especialização com vista à obtenção do melhor rendimento.

A primeira etapa corresponde à idade de seis a nove anos e tem como objetivo o desenvolvimento das capacidades coordenativas utilizando formas jogadas.

Na segunda etapa, a idade envolvida corresponde de nove a treze anos e tem como objetivos a aprendizagem das técnicas de base da modalidade escolhida, a prática de outra modalidade, os exercícios especiais para o desenvolvimento das capacidades que influem na dinâmica da técnica e é também quando ocorre o início da atividade competitiva.

Já na terceira etapa, encontram-se os atletas de treze a dezessete anos e possui como objetivos o aperfeiçoamento e estabilização das técnicas, a continuidade do desenvolvimento das capacidades motoras e aumento progressivo da carga e a prática da atividade competitiva regular.

2.6 A Competição Precoce

Dentro do contexto da competição esportiva a participação de crianças e jovens é cada vez maior. Esse processo é, na maioria das vezes, determinado por pessoas que têm como ponto de referência à visão adulta do esporte, ignorando as reais necessidades e condições dos praticantes (DE ROSE JR., 2000).

Participar ou não dessas atividades esportivas competitivas, com suas vantagens e desvantagens, tem sido alvo de muitas discussões e estudos que apresentam posições das mais diversas, radicalizadas em ambos os extremos, indo desde a proibição pura e simples da participação até mesmo a liberação irrestrita em qualquer idade e nível.

Estudos de Martens e Robertson (*apud* DE ROSE JR., 1997) detectaram crianças de até três anos sendo colocadas frente a situações competitivas nos Estados Unidos da América do Norte, Austrália e países industrializados da Europa. Nesses estudos a média de idade para início de competição era de onze anos, sendo que em determinados esportes essa idade média era de seis anos.

Já especificamente no basquetebol, Mesquita (1995) relata que em comparação ao modelo norte americano, nota-se que lá não existem competições oficiais antes dos quinze anos, a maior parte das aulas de Educação Física é destinada ao desenvolvimento das valências físicas. Na época escolar a partir dos quinze anos começam as primeiras competições americanas, não havendo uma variação de categorias conforme as idades, há apenas uma categoria e uma equipe para cada escola, ou seja, é como se no Ensino Médio aqui no Brasil os atletas que estão no primeiro, segundo ou terceiro ano formariam uma única equipe, conforme o desempenho de cada um. Já no Brasil, são realizados campeonatos estaduais a partir da categoria mini (12 anos), onde se exige resultados em curto prazo, ao contrário dos Estados Unidos.

De acordo com Tani, (1999) há duas linhas de pensamento sobre o envolvimento precoce de crianças na competição esportiva. Uma delas defende o ponto de vista de que este envolvimento precoce traz às crianças subsídios para a formação de uma personalidade sólida, da melhoria das condições físicas e do desenvolvimento de uma noção de competitividade que lhes serão úteis por toda a vida. Por outro lado, essa precocidade pode trazer sérios problemas de saúde, além de efeitos psicológicos negativos que interferirão no seu desenvolvimento normal.

De Rose Jr., (2000) defende a idéia de que para competir a criança deve atingir seu grau ideal de crescimento, desenvolvimento e maturação para poder suportar demandas do esporte competitivo e que incluem componentes físicos, motores, perceptuais, sociais, emocionais e cognitivos. Algumas dessas características são encontradas em certas crianças, mas outras que seriam fundamentais para serem consideradas prontas para competir não estão presentes.

Essa prontidão para o esporte competitivo seria o equilíbrio entre o nível de crescimento, desenvolvimento e maturação e o nível da demanda competitiva. Quando esta demanda é maior que as características pessoais, então o indivíduo não está pronto para a competição.

Segundo De Rose Jr. (2000) competir é um comportamento aprendido e isto só começa a acontecer por volta dos cinco ou seis anos, quando as crianças começam a competir para comparar suas habilidades com seus pares. Tendo em vista todos estes aspectos, Gallahub (*apud* DE ROSE JR., 2000) afirma que nessa faixa etária, a criança deve ser exposta progressivamente a experiências que exijam grandes responsabilidades e deve ser encorajada a participar dessas atividades esportivas competitivas desde que lhe seja proporcionada à oportunidade de participar em eventos apropriados às suas necessidades e interesse, promovendo o desenvolvimento da autoconfiança necessária para competir.

Até a adolescência as crianças estão em um estágio de desenvolvimento cognitivo que, muitas vezes, não as colocam em condições de participar de atividades extremamente organizadas e formalizadas, como uma partida de basquetebol. Nesta fase a competição e a comparação são espontâneas e ocorrem em todas as atividades, não somente nos esportes.

Torna-se importante lembrar, segundo Gauderer (1984, p. 12), que “crianças e adolescentes amadurecem em ritmos diferentes e isso é importante levar em conta, pois uma adolescente muito madura aos 13 anos, por exemplo, vai ser a melhor em nível de competição que as outras, mas pode ser superada aos 15 anos por uma outra colega que amadureceu tardiamente. É importante explicar este fenômeno para ela, para que a mesma não se sinta fracassada ou ache que seus esforços não estão sendo recompensados”.

Roberts (1980) afirma que somente por volta dos 12 anos a criança apresentaria essas características desenvolvidas adequadamente, colocando-a em condições de competir. Esse mesmo autor relata que é de relevante importância que

o jovem, pré-adolescente e adolescente, seja competente para poder participar do processo de comparação social, inevitável dentro da competição. Essa avaliação feita pelos pares, quando é favorável torna-se muito importante, pois pode significar sua aceitação no grupo, tendo em vista que é muito comum nesses grupos a estrutura hierárquica ser baseada nas habilidades dos participantes. Exemplo disto é a escolha do capitão ou líder do grupo.

Ainda Roberts (1980) confirma que a criança deve competir quando atingir seu estado de prontidão competitiva, que acontece a partir do equilíbrio de fatores como o crescimento, o desenvolvimento e a maturação sexual.

O jovem que não atinge esse nível de realização pode ficar fora do processo social e ter como consequência desequilíbrios em seu comportamento, podendo até trocar de atividade e em última análise abandoná-la.

De Rose Jr. (2002, p.35) afirma ainda que “sob o ponto de vista do desenvolvimento, não há necessidade de envolvimento de crianças antes dos 12 anos de idade em atividades competitivas altamente organizadas nos moldes das federações esportivas”.

Becker Jr. (2000, p. 55) ainda coloca que “a conquista de importantes títulos ou marcas durante a infância não é garantia de sucessos esportivos quando este mesmo atleta se torna adulto”.

2.7 Motivação

Entender as necessidades do ser humano é saber que elas são o significado para o seu desenvolvimento. Os objetivos básicos do homem são satisfazer suas necessidades universais (FEIJÓ, 1992).

A motivação então expressa em que medida um indivíduo deseja alcançar um objetivo. O atleta para dedicar-se e render em um determinado esporte deve sempre estar motivado, pois a ausência desta motivação pode acarretar numa falta de estímulo a continuar na modalidade escolhida. Esta motivação deve estar presente desde a fase da procura pela modalidade desejada, como na iniciação propriamente dita, nos treinamentos e nas competições esportivas.

Samulski (1995) caracteriza a motivação como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos).

As pessoas que iniciam em um determinado esporte estão, na maioria das vezes, motivadas para a nova atividade. Sugerem-se pré-requisitos para a iniciação como razoável capacidade para aquela atividade, treinar duro para desenvolver estas capacidades e aprender a ser eficaz quando está sendo avaliado. Contribuem para o sucesso de jovens atletas o seu potencial genético, as oportunidades que surgem no decorrer, as experiências passadas e um treinamento intensivo.

Em seus estudos, De Rose Jr. (2000) constatou que as teorias motivacionais destacam que um indivíduo pode ter, como fonte de suas ações, razões internas ou externas, chamadas de motivação intrínseca (interna) e motivação extrínseca (externa).

A motivação intrínseca, que é guiada por razões internas, proporciona o desenvolvimento da autonomia e da personalidade. Motivos intrínsecos são comuns nas pessoas que desejam aprender algo, não estando relacionado a recompensas exteriores e sim em superar as próprias limitações, um desafio mental ou descobrir algo que seja considerado útil.

A motivação extrínseca pode iniciar e manter algumas atividades, está relacionada especificamente a recompensas externas (premiações) para uma melhora da performance e é evidenciada principalmente em crianças de cinco a nove anos afirma Cratty (1989), embora acredite ser importante que adultos e crianças estejam mais motivados intrinsecamente do que necessitando de gratificações externas, pois assim tornam-se mais persistentes e executam tarefas de maior complexidade.

Ainda sobre motivação extrínseca, Shigunov (2000, p.50) coloca que “o esporte oferece oportunidades de ganhar dinheiro, viajar, receber novas roupas ou até ascender na escala social. Claramente, estas formas de motivação extrínseca são elementos importantes para a continuação e persistência no esporte, sendo importante não ser os motivos principais para a participação tornado-se um fim e não o meio para atingir um fim”.

De acordo com Thomas (1983), quando um aluno é motivado intrinsecamente para executar, por exemplo, um determinado movimento desportivo, seu interesse consiste no próprio movimento, quer dizer, ele gostaria de executá-lo de forma

contínua, dominada e com sucesso. Mas se, pelo contrário, a realização do movimento passa a ser o meio para alcançar um objetivo, por exemplo, uma boa nota em seu boletim, a ação em si e a performance alcançada são para ele irrelevantes, já que apenas a boa nota está no centro de seus interesses.

Cratty (1989), revela que em entrevista com atletas profissionais constatou-se que as razões destes para continuarem no esporte estão ligadas à busca da excelência e o desejo de explorar limites físicos ou técnicos e desafios pessoais ao invés de uma simples melhoria salarial a cada ano.

Em relação à motivação voltada para o rendimento, Samulski, (1995) caracteriza-a por meio de duas tendências: procurar o êxito e evitar o fracasso, manifestadas nos esportes de alto rendimento através de atletas do tipo vencedor e perdedor.

Thomas (1983), afirma que as pessoas motivadas para o sucesso distinguem-se por traçar um nível de exigência médio e realista, alcançável para elas demonstrando um comportamento de risco correspondente. Ao contrário, as pessoas motivadas pelo fracasso traçam um nível de exigência de altura irreal ou muito baixa, tendendo a um comportamento de extremo risco ou nenhum risco e ainda, tendem a atribuir a causa do fracasso ocorrido à sua falta de talento, enquanto as de motivação para o sucesso dão preferência às circunstâncias externas ou ao pouco esforço para explicar as causas (atribuição causal).

Faz-se necessário estimular o atleta a ter seu projeto de vida particular, pois está diretamente relacionado com seu estado mental levando o atleta a produzir mais, pois emocionalmente ele possui maior motivação, persistência e disciplina para alcançar seus objetivos tanto pessoais como esportivos.

Samulski (1995) entende motivação de rendimento como sendo o desejo de melhorar, aperfeiçoar ou manter um rendimento de alto nível, e apresenta uma comparação das características do tipo vencedor e perdedor (quadro 4).

Quadro 4: Quadro comparativo tipo vencedor e tipo perdedor

TIPO VENCEDOR	TIPO PERDEDOR
orientação ao sucesso	orientação ao fracasso
auto-conceito positivo	auto-conceito negativo
metas realistas	metas irrealistas
motivação intrínseca	motivação intrínseca
análise adequada dos resultados	análise inadequada dos resultados
auto-reforço positivo	auto-reforço negativo
segurança no comportamento	insegurança no comportamento
orientação a normas individuais	orientação a normas sociais
autodeterminação	falta de autodeterminação
autocontrole	controle externo

Fonte: Samulski 1995

2.8 Estresse

Do ponto de vista psicológico, se entende o estresse como um conjunto de manifestações gerais não específicas como resposta a uma demanda qualquer do ambiente, incluindo o psicosocial. Em nível biomédico, o estresse pode ser definido como um estado de tensão excessiva resultante de uma ação brusca ou continuada para o organismo. E finalmente no esporte, entende-se estresse como sendo a grande solicitação psíquica e/ou física, vivida como uma carga e que conduz a reações de defesa específicas para dominar a situação ameaçadora (BECKER JR., 2000).

De uma maneira geral há diversos aspectos psicológicos que podem ter influência sobre o desempenho de atletas. Entre eles podem ser citados: motivação, ansiedade, atenção, concentração, agressividade e o estresse. Dentre os aspectos psicológicos, o estresse é um dos mais importantes e, fator crucial para determinar a qualidade do desempenho esportivo é a capacidade do atleta em lidar com o stress (DE ROSE JR., 2000).

A ansiedade pode ser considerada uma fonte de estresse. Caracteriza-se a ansiedade como um sentimento de apreensão e tensão, provocando um medo geral no indivíduo, além das reações somáticas, psicológicas, psicomotoras e sociais.

Existe uma tendência de encontrar níveis diferenciados de ansiedade entre os esportes individuais e os coletivos, sendo que nos primeiros os níveis são ligeiramente maiores, embora nem sempre existam diferenças estaticamente significantes (DE ROSE JR., 2000).

Ainda quanto ao tipo de esporte, Becker Jr. (2000, p. 69) afirma que “múltiplos estudos indicam que os esportes individuais geram mais estresse que os de equipe, pois neste sentido quando se pertence a um grupo, a responsabilidade fica diluída entre seus membros, enquanto que quando o sujeito enfrenta sozinho uma situação determinada a responsabilidade e as pressões são maiores”.

Em estudos comparativos sobre ansiedade entre atletas praticantes de atletismo na faixa etária compreendida dos 12 aos 16 anos, concluiu-se que os meninos são menos ansiosos que as meninas, sendo que esta diferença se acentua com o aumento da idade. Esta maior ansiedade por parte das meninas, estudos comprovam esta tendência, não só no atletismo, mas em outros esportes como o basquetebol, voleibol, lutas e outros. Talvez este processo esteja relacionado com o fato da competição ainda ser muito enfatizada para atletas do sexo masculino e a mulher ser muito mais cobrada quando compete, sendo comparada constantemente aos homens, existindo até mesmo um certo preconceito quanto à sua participação no esporte competitivo (DE ROSE JR., 2000).

Passer (1986), afirma que nem sempre a competição representa uma fonte de estresse para o atleta. Isto dependerá dos recursos que o mesmo possui para lidar com essas fontes, além das qualidades pessoais e das experiências passadas. Para os atletas bem preparados, a competição tem um caráter desafiador, confirma o autor. Mas para aqueles que não apresentam os requisitos mínimos necessários, ela representa uma ameaça ao seu bem estar físico, psicológico e social, provocando altos níveis de estresse e transformando-se em um fator negativo e redutor do desempenho.

Entende-se que o estresse competitivo, ou seja, aquele gerado devido a competição esportiva, em qualquer fase desta competição pode ser gerado por situações direta ou indiretamente relacionadas a ela ou, de acordo com De Rose Jr. (2000) as situações inerentes e adjacentes ao processo competitivo. De acordo com esse autor, as situações inerentes ao processo competitivo são aquelas que fazem parte diretamente do processo, podendo estar relacionadas ao próprio indivíduo e/ou ao meio ambiente.

Becker Jr. (2000) explica que existem situações determinantes geradoras do estresse competitivo e as classifica em etapas que são: estresse antes da competição, durante a competição, depois da competição e ainda durante os treinamentos.

O estresse antes da competição pode ser observado através do tipo de esporte (individual gera mais estresse que o coletivo), do tempo prévio para competição (a medida em que a competição se aproxima aumenta a ansiedade) e da importância da competição (quanto maior relevância maior o nível de ansiedade).

No estresse durante a competição verifica-se que jogos complicados ou decisivos, situações críticas particulares em um momento do jogo, uma tarefa específica, uma atividade que se está executando ou a função que está desempenhando contribuem para o aumento nos níveis de ansiedade.

Sobre os determinantes situacionais do estresse depois da competição. O resultado de uma competição se converte em aspecto chave gerador de ansiedade, sempre que os resultados sejam negativos ou não desejados.

Em relação ao estresse durante os treinamentos, ainda Becker Jr (2000, p.70) relata que “a competição, dependendo do esporte, representa entre 1 e 10% do tempo dedicado para a prática esportiva, enquanto que o restante está dedicado ao treinamento”.

O mesmo autor ressalta a importância do treinamento também como fonte geradora de ansiedade por múltiplas causas. Pode provocar ansiedade a situação de treinamento quando a mesma é pesada, frustrante, há trocas de função ou tarefas, ambiente físico inadequado ou relações interpessoais pobres.

Já Raglin, Ekstein & Gar (*apud* DE ROSE JR., 2000), estudando os efeitos de treinamentos prolongados, constatam que após seis semanas de treinos alguns fatores negativos foram evidenciados, como: tensão, depressão, nervosismo, fadiga e confusão mental. Esses fatores foram amenizados somente com uma diminuição da frequência dos treinos.

Juba (*apud* BECKER JR., 2000, p. 71) coloca que “dois aspectos provocam estresse nos jovens: a excessiva quantidade de treinamento e a natureza repetitiva do esporte”.

Outro fator importante gerador de estresse refere-se aos companheiros da criança. Os motivos para a prática do esporte, já vistos anteriormente e apontados pelas crianças, são o de fazer novos amigos e também estar com eles. Quando isto

não ocorre, o jovem pode sentir-se mal. Também pode acontecer que a criança busque aprovação social entre os companheiros e não a obtenha, ocasião em que os níveis de ansiedade podem aumentar.

Becker Jr. (2000, p.73) lembra ainda que “os treinadores, através das relações inadequadas que estabelecem com as crianças, também são agentes geradores de estresse”.

Outro tema relativamente estudado é o da frustração provocada pela prática desportiva. Encontram-se jovens que percebem sua atuação como baixo rendimento, o que pode determinar um incremento de seu nível de ansiedade (BECKER JR., 2000).

O basquetebol é um esporte potencialmente gerador de estresse, em que os atletas são solicitados a desempenhar de forma ideal, sob circunstâncias dinâmicas que exigem grande atenção, concentração e participação ativa, medidas por pressões diversas como: tempo de jogo, adversários, arbitragem, necessidade de vencer, obtenção de status social, recompensa e necessidade de reconhecimento (DE ROSE JR., 2000).

Ainda De Rose Jr., (2000) analisando o comportamento dos atletas de basquetebol em função das fases do jogo, conclui que nos últimos dez minutos de jogo a fadiga tem uma participação importante no comportamento dos jogadores, aumentando a tendência em não se manter um nível ótimo de ativação e desempenho. Isto faz com que os jogadores apresentem uma maior vulnerabilidade às situações consideradas ameaçadoras, aumentando de certa forma os níveis de “stress”.

O mesmo autor identificou as principais situações de jogo causadoras de estresse pelos atletas. Estas foram: sair com cinco faltas e ser excluído do jogo, jogar em más condições físicas, errar lances-livres em momentos decisivos, perder para equipes tecnicamente inferiores, arbitragem e substituição por deficiência técnica.

Em se tratando especificamente de competição infanto-juvenil, Scanlan (*apud* DE ROSE JR., 2000) afirma que o estresse acontece quando a criança ou o jovem se sente ameaçada em relação a sua auto-estima, baseada na avaliação que ela própria faz da situação competitiva. A ameaça a auto-estima é um ponto crítico do processo de estresse na competição infanto-juvenil, acontecendo quando a criança

antecipa a falta de competência e como consequência há o medo de falhar e a avaliação negativa.

De acordo com Smoll e Smith (*apud* DE ROSE JR., 2000) a quantidade de estresse que o jovem vivencia é uma união das demandas ambientais e as habilidades ou recursos que ele tem para lidar com essas demandas. Esses recursos podem ser adquiridos na própria prática esportiva, onde o indivíduo aprenderá a lidar adequadamente com os desafios.

No entanto, é importante que neste processo o atleta tenha experiências positivas, pois as negativas contínuas prejudicarão a competência, levando ao aumento do nível de estresse competitivo. (BRUSTAD *apud* DE ROSE JR., 2000)

De Rose Jr. (1997, p. 15) explica que “todas as situações podem exceder os recursos que os atletas possuem para lidar com elas e esse desequilíbrio é que pode tornar-se o grande fator negativo da competição infantil, pois se a criança ou jovem for submetido a desafios não condizentes ao seu estágio maturacional, poderão aparecer problemas no processo de crescimento, desenvolvimento e maturação, além de implicações psicológicas levando a sérias consequências físicas e comportamentais”. O mesmo autor aponta algumas dessas consequências. (quadro 5)

Quadro 5: Quadro das consequências físicas e comportamentais do estresse

Efeitos sobre a coluna vertebral	<ul style="list-style-type: none"> • Postura deficiente • Desvios axiais • Lesões intervertebrais e epifisárias
Efeitos sobre o crescimento	<ul style="list-style-type: none"> • Redução por hipertrofia • Desigualdade de crescimento dos membros inferiores • Diminuição do ritmo de crescimento
Efeitos sobre a traumatologia geral	<ul style="list-style-type: none"> • Microtraumatismos de repetição • Lesões nas inserções musculares • Arrancamentos ósseos • Fraturas de fadiga • Miosites
Efeitos sobre o aparelho cárdio-respiratório	<ul style="list-style-type: none"> • Arritmias • Insuficiências
Efeitos sobre a maturação sexual	<ul style="list-style-type: none"> • Retardamento da maturação • Virilização • Esterelidade • Irregularidade nos ciclos menstruais
Efeitos a nível psicossocial	<ul style="list-style-type: none"> • Ansiedade exagerada • Perda de identidade • Síndrome de saturação esportiva • Ocupação obsessiva

Fonte: De Rose Jr. 1997

Essas situações provocadoras de estresse geram reações e sintomas específicos que podem ter influência direta no desempenho e no comportamento dos jovens esportistas.

2.9 O Papel do Técnico

A carreira de treinador esportivo no Brasil pode ser considerada como das mais difíceis devido aos problemas que vão desde a formação profissional à remuneração financeira até a exigência constante de vitórias entre outros. Mas é verdade também que ela pode ser muito gratificante, pois o treinador ou técnico é responsável direto pela formação e desenvolvimento de atletas que podem vir a se tornarem esportistas famosos no futuro, além de muitas vezes participar da formação do atleta como cidadão, ou seja, atuando também como educador, conselheiro, amigo e em determinadas situações, até como um pai.

A identidade destes treinadores, sua formação e seus métodos tornam-se fatores importantes para poder entender a importância do seu papel na formação e desenvolvimento esportivo desde pequenas crianças até atletas adultos.

Ao se investigar o campo compreendido como escolinhas esportivas, Becker Jr. (2000) identifica a presença de três tipos de pessoas atuando como treinadores : ex-atletas, acadêmicos do curso de Educação Física e professores de Educação Física.

Quanto aos ex-atletas, grande número de atletas, quando sentem que se aproxima o final de sua carreira, pensam na possibilidade de seguir no mesmo esporte, na condição de treinador. Em geral buscam atuar entre os atletas profissionais onde o treinador é mais valorizado e, portanto conseguem uma melhor remuneração. Os que não têm habilidades que permitam esta posição, ou atuam como auxiliares, obtendo um cargo mais modesto, ou entre as crianças. E aí surge um grande problema, pois o conhecimento obtido por ele até então é apenas da experiência como atleta, não tendo sido preparado por uma instituição, passando pelas diversas disciplinas da grade curricular, com orientações técnicas e pedagógicas, que visam uma formação profissional como um todo, proporcionando a este indivíduo um melhor preparo para o mercado de trabalho em questão.

Qualquer aluno universitário quando ingressa na faculdade pensa logo em tornar-se profissional, trabalhar para sustentar-se, inclusive no caso das instituições particulares, pagar seu próprio curso. Assim, ingressam no ambiente de trabalho e, o que deveria ser apenas um estágio visando aprendizado, acaba muitas vezes, se tornando um emprego com envolvimento direto com a clientela em questão, apesar deste acadêmico ainda não estar realmente pronto para o mercado de trabalho com a qualidade que este necessita. Isto ocorre pela mão de obra mais barata, pois ainda não é um profissional, e também devido a falta de fiscalização por parte das universidades e dos conselhos regional e federal de Educação física, que deveriam atuar diretamente neste processo.

Vários professores formados em Educação Física atuam nas escolas esportivas. Muitos destes, possuem um histórico como ex-atleta, árbitro e estagiário da modalidade escolhida para a partir daí atuarem como treinadores. Estes não são pré-requisitos para apontar um possível sucesso como técnico, embora colaborem para um melhor conhecimento do esporte como um todo e sirvam como experiência para este profissional. A preocupação no caso de professores de Educação Física é quanto ao seu nível de envolvimento e preparo com a modalidade escolhida, sua especialização e atualização, seja através de uma pós-graduação, cursos de extensão, clínicas, meeting ou mesmo a busca através de livros e artigos da área.

Todavia, o fato do treinador possuir um diploma também não indica que este está apto a desenvolver o papel de técnico e muito menos garante o sucesso do mesmo na função escolhida.

O treinador desempenha uma função central no desenvolvimento do jovem atleta, do ponto de vista físico, psicológico, emocional e social. Ter sucesso no treinamento de jovens é bem mais do que ajudar o praticante a ganhar. O técnico deve também ajudar os jovens com que trabalha a gostar de aprender novos elementos da modalidade, ensiná-los a lidar com os altos e baixos da competição e a desenvolver a auto-estima e a autoconfiança (CAMPBELL, 1998).

A capacidade de influenciar positiva ou negativamente na auto-imagem de alguém é da maior importância. Um técnico que saiba explorar o lado positivo, saudável de um jovem terá não só um bom atleta, mas um saudável ser humano. Um treinador que apenas enfatiza a competição e a performance poderá ter nas mãos um campeão ou uma equipe vencedora, mas sem dúvida também muitos jovens frustrados e decepcionados. É importante também lembrar que quanto pior a

auto-imagem de um jovem, mais importante é o papel do técnico em estimulá-lo, em dar-lhe apoio, em aumentar-lhe a auto-confiança (GAUDERER, 1984).

Um problema que pode ser desenvolvido no treinador pela função que exerce, está na área do vínculo afetivo e o nível de amizade que acaba obtendo com seus comandados. Para obter sucesso, ele utiliza todo o seu potencial trabalhando inúmeras horas por dia, aprofundando-se nas suas estratégias para alcançar o sucesso de sua equipe e envolvendo-se também na vida de seus atletas, passando muitas vezes a ter um comportamento voltado para o lado afetivo com os atletas, onde se pergunta até que ponto o treinador deve ser amigo daquelas pessoas que treina. No esporte adulto, de alta competição, são conhecidos muitos casos em que a amizade demasiada resultou em conflitos no grupo esportivo e na perda do comando por parte do treinador.

Segundo Cratty (*apud* BECKER JR., 2000, p. 85), “investigações realizadas com atletas, desde crianças até adultos, verificaram que parte significativa não acha necessário que o treinador seja seu amigo. O que realmente desejam é que, durante a competição, o treinador oriente para que melhorem seu rendimento e consigam a vitória”.

Becker Jr. (2000) mostra a conduta afetiva do treinador durante o processo de evolução dos desportistas, nas fases de iniciação, desenvolvimento e especialização.

Na fase de iniciação o treinador deve ser um animador da atividade esportiva. A aprendizagem nesta etapa é baseada na motivação, sendo a atenção e a valorização por parte do técnico muito importante para o jovem atleta. Nesta etapa, os transtornos na relação com seu treinador têm sido apontados como um fator importante para o abandono precoce do desporto pelos jovens (SMITH *apud* BECKER JR., 2000).

No período de desenvolvimento, o treinador adota um estilo de trabalho voltado para o cumprimento de aspectos técnicos, sendo um orientador e disciplinador sistemático do mesmo. Deve ser exigente na busca de suas metas, ampliando o nível de esforço do atleta, sem descuidar o respeito pelo mesmo.

Na etapa de especialização, o treinador está dedicado ao atleta de elite, devendo ter uma perspectiva global da atividade e ser exigente no processo de treinamento. Aqui as metas do técnico e do atleta são altas e demandam níveis semelhantes de motivação, trabalho e concentração.

Campbell (1998) separa as idades dos praticantes de esportes em três períodos distintos que são: dos sete a dez anos (idades iniciais), dos onze aos quatorze anos (idades intermédias) e os chamados jovens adultos (15 aos 18 anos). Sabendo que cada jovem se desenvolve com ritmos diferentes e de maneiras distintas, o papel do treinador torna-se uma tarefa complexa e que ocupa muito tempo para obter o retorno esperado.

O período que envolve idades entre os sete e os dez anos, corresponde aos anos iniciais da prática de uma modalidade, onde os pais são excelentes colaboradores dos treinadores. Contudo, algumas orientações específicas devem ser dadas pelo treinador aos pais de como eles devem apoiar os filhos em todos os momentos da prática da sua modalidade preferida. Sem estas preocupações de orientação aos pais, corre-se o risco das crianças desiludirem-se com o desporto, e até mesmo desistirem muito cedo dessa atividade.

As crianças destas idades gostam de atividades que sejam aliciantes, que representem desafios e que, ao mesmo tempo, sejam possíveis de realizar. Os treinadores então, devem adaptar as tarefas que vão propor no quadro da atividade, de forma a irem ao encontro das capacidades de todos e não apenas daquelas que caracterizam os praticantes mais dotados.

Campbell (1998; p.33) afirma ainda que “pensar em conceitos abstratos, como o de jogar numa dada posição específica, é uma situação demasiadamente avançada; o que a criança quer é estar de posse de bola e correr a quadra toda”.

O papel do treinador então, será o de alimentar, apoiar e desenvolver todas as facetas das crianças no desenvolvimento de suas tarefas e, acima de tudo, dar à prática desportiva um caráter de alegria e diversão.

Para a criança na faixa etária dos onze aos quatorze anos, o grupo torna-se bem mais importante para ela e têm uma influência importante sobre a utilização do seu tempo livre. A função do treinador é então de continuar a desenvolver as capacidades técnicas individuais dos praticantes, sem esquecer as grandes modificações que acontecem ao mesmo tempo. Deve ainda nesta fase, identificar e desenvolver os potenciais talentos que surgem eventualmente.

Na etapa de desenvolvimento dos quinze aos dezoito anos, uma das chaves para o sucesso é a capacidade do treinador em organizar eficazmente o programa do jovem praticante, ou seja, planejar o programa de treinamento. Outra tarefa que o

treinador deve realizar é a de ajudar o praticante a organizar o seu regime de vida, maximizando seu tempo, não sacrificando a educação escolar.

Enfim, Shigunov (2000, p.46) afirma que “o treinador de sucesso deve ter basicamente, entre outros predicados, o conhecimento do treinamento, a formação especializada, a formação pedagógica, a sempre atualização, o conhecimento dos seus atletas e uma atuação positiva”.

2.10 A Influência da Família

A participação dos pais na iniciação e formação desportiva dos atletas tem sido um tema amplamente debatido pela importância que estes desempenham na carreira esportiva dos seus filhos.

Qualquer que seja o papel atribuído à participação dos pais na vida esportiva dos filhos, o relacionamento entre estes personagens deve ser cuidadosamente observado, já que a relação entre família, escola e prática esportiva estão estritamente ligadas ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade das crianças no esporte escolar (SIMÕES, 1999).

Como refere Gomes (2001) “a família é a maior fonte de influência na vida dos atletas, pois é aí que os jovens primeiro aprendem e desenvolvem competências de vida e mecanismos de confronto para lidar com as exigências competitivas”.

Em relação ao grau de participação dos pais na vida esportiva dos filhos, Simões (1999, p. 43) coloca que “os pais devem facilitar as situações e os momentos que motivem os filhos às práticas esportivas, incluindo o espírito do desfrute pelas atividades esportivas acima de qualquer interesse, e facilitar as experiências positivas que o esporte infantil proporciona”.

O papel dos pais é determinante durante a evolução que os filhos terão durante a prática desportiva. No início a função mais importante será a de favorecer a participação esportiva de seus filhos. Em idades precoces sua opinião e atitude sobre a importância do esporte na formação de seus filhos serão elementos críticos que determinarão a possibilidade de participarem em programas esportivos extracurriculares (BECKER JR., 2000).

De sua iniciativa e motivação irão depender estes primeiros contatos e as funções mais importantes neste período, segundo Cruz (*apud* Becker Jr. 2000)

seriam: a) favorecer a participação dos filhos nas diferentes ofertas esportivas, facilitando a assistência e deslocamento para as escolas desportivas. b) ajudar para que os filhos decidam que esportes vão praticar e que nível de compromisso podem assumir. c) estar certo de que os filhos façam uma prática saudável e de qualidade, onde a escolha do local onde os filhos irão praticar a modalidade esportiva selecionada é uma das decisões mais importantes que os pais devem tomar.

Não há dúvidas de que um dos papéis essenciais do pai e da mãe seja o de incentivar as crianças no sentido de participarem do esporte e, assim, dar a elas a mais estreita cooperação, de tal modo a acelerar sua prontidão esportiva, sua maturidade e uma grande variedade de atividades no mundo dos campos, quadras, piscinas e pistas (SIMÕES, 1999).

No entanto, em alguns casos, a família pode ter efeitos negativos na experiência desportiva por parte dos jovens, seja por criar demasiadas expectativas relativas ao rendimento esportivo a atingir ou por adotar regras demasiadamente rígidas em torno da vida do atleta. Gomes (2001) identifica cinco atitudes negativas mais freqüentes assumidas pelos pais relativos à prática desportiva dos seus filhos. Em primeiro lugar, os pais excessivamente críticos, caracterizados pelo uso da repreensão e crítica freqüente, pela insatisfação com o rendimento desportivo do (a) filho (a) e pelo demasiado envolvimento referente à prática desportiva como assistir a todos os treinos e jogos e questionar sempre o treinador. Um segundo tipo de atitude refere-se aos pais descontrolados que apresentam como sinais típicos à crítica (verbal ou não verbal) durante as competições dirigidas a vários alvos (atletas, árbitros, treinador, etc.). Como terceira atitude, tem-se os pais de arquibancada que assumem freqüentemente o papel do treinador, podendo entrar em contradição com as instruções do responsável técnico, causando confusão e mal-estar no(s) próprio(os) atleta(as). A quarta atitude diz respeito aos pais super protetores, constituindo como principal indicador os comentários de angústia e preocupação acerca do filho e dos riscos da modalidade, bem como ameaças freqüentes de abandono e retirada do filho devido a estes perigos. Por último, observa-se os pais desinteressados, que simplesmente pautam o seu comportamento pela total ausência nas atividades relacionadas com o desporto.

Ainda em relação à competição, vale ressaltar que os pais devem aceitar o papel do treinador e, mesmo possuindo conhecimento do esporte (por formação ou por experiência como esportistas) em nenhum momento devem interferir nem

substituir as funções do técnico, evitando colocar o filho em situação de ter de escolher entre os critérios dos pais e os do treinador em questões técnicas ou táticas (BECKER JR., 2000).

Por fim, existe a necessidade de manter-se um bom relacionamento entre todos os agentes que interferem na iniciação esportiva: treinador, esportista e pais, onde o diálogo, a responsabilidade e o apoio são fundamentais para se atingir o sucesso.

2.11 O Abandono do Esporte

Uma das mais significantes contribuições para ocorrer o término da carreira esportiva é a natureza do processo de seleção que ocorrem em todos os níveis de esportes competitivos. O processo seletivo escolhe somente os atletas que têm potencial para progredir para o próximo nível de competição (BRANDÃO, 2000).

Brandão (2000, p. 53) também coloca que “a ocorrência de lesões também pode forçar atletas ao fim da carreira. A inabilidade física pode, negativamente, afetar a retirada dos atletas, produzindo problemas psicológicos e emocionais podendo limitá-los na escolha de novas carreiras”.

O mesmo autor conclui em seus estudos que os atletas podem também, por livre escolha, optar pelo fim de sua carreira. Esta escolhe, voluntariamente, por razões pessoais, sociais ou esportivas. Podem vivenciar troca de valores, motivações, novos interesses e objetivos.

No que diz respeito ao abandono do desporto na adolescência, Gomes (2001, p.34), afirma que “são várias as causas apontadas, sendo referidas como mais freqüentes as seguintes: a) ter outras coisas para fazer; b) a modalidade não era tão boa como pensava; c) a modalidade não era suficientemente divertida; d) queria praticar outra modalidade; e) sentia-se aborrecido; f) não gostava do treinador; g) o treinador era demasiadamente duro”.

Neste sentido, pode-se citar as investigações precursoras de Orlick (*apud* BECKER JR., 2000) que apresentam o seguinte balanço: 67% das crianças abandonam pela excessiva ênfase na competição; 31% por conflito de interesses por outra atividade; 2% dos casos estão vinculados às lesões. O mesmo autor conclui, em um segundo estudo, que a escassez ou ausência de tempo de participação nas competições (estar no banco), a ênfase competitiva do programa

esportivo e o desgosto com o treinador são também causas importantes para seu abandono.

Igualmente, encontram-se autores como Gould (*apud* BECKER JR. 2000), revelando que a grande maioria das crianças abandona por fazer outras coisas. Muitas por não se divertirem, por fazerem outros esportes ou por não ter habilidade suficiente como desejavam para o esporte. Algumas por desgosto com o treinador, pela pressão a que estavam sendo submetidos, por aborrecimento ou por dificuldades no treinamento.

Há ainda os motivos relacionados a falta de incentivo por parte das instituições como clubes ou escolas, que em determinados períodos possuem programas de treinamento e apoio à competição e em outro momento simplesmente cortam tudo retirando a modalidade do seu quadro de programas. Para evitar isto, nos Estados Unidos, por exemplo, a instituição que se inscreve para participar em uma competição de âmbito regional ou nacional, assume o compromisso, que está em regulamento, de obrigatoriedade em participar nos próximos anos sem direito a interrupção, independente se a equipe está fraca ou forte. Com esta medida, tem-se a garantia de continuidade da modalidade nas instituições.

Em uma análise geral das múltiplas investigações existentes, se conclui que os motivos para abandonar o esporte são múltiplos e variados, destacando os conflitos de interesse, a falta de tempo, a falta de êxito e de habilidades, o estresse competitivo, a falta de diversão, o desgosto com o treinador, o aborrecimento e as lesões. Assim, a prática esportiva, tal como está estruturada enfatiza excessivamente a competição, ganhar, provoca muita pressão, falta de diversão e carece de treinadores competentes (BECKER JR. 2000).

Ainda Becker Jr. (2000, p.63) explora que “uma parte importante do abandono é devida à figura do treinador, por gerar estresse competitivo, manter o esportista muito tempo no banco, realizar treinamentos aborrecidos, não motivar e não estimular o suficiente”.

Muitos autores então, apontam situações relacionadas com motivação, estresse, falta de tempo e falta de incentivo para a ocorrência do abandono esportivo. Será que estas situações e seus números também se aplicam ao caso do basquetebol na cidade de Curitiba?

3 METODOLOGIA

3.1 Modelo de Estudo

O estudo proposto é caracterizado por ser um levantamento de dados, do tipo quantitativo e descritivo, que descreve um fenômeno ou situação (MARCONI & LAKATOS, 1999), onde serão apresentados os motivos do abandono do basquetebol pelos jovens em Curitiba.

3.2 População do Estudo Amostra

A população será constituída de ex-atletas de basquetebol da cidade de Curitiba, que tenham participado de competições na cidade e que tenham vivenciado a prática do basquetebol através do treinamento por pelo menos um ano letivo no período de janeiro de 1999 a dezembro de 2001. Esses ex-atletas situam-se numa faixa etária de 13 a 17 anos (figura 2).

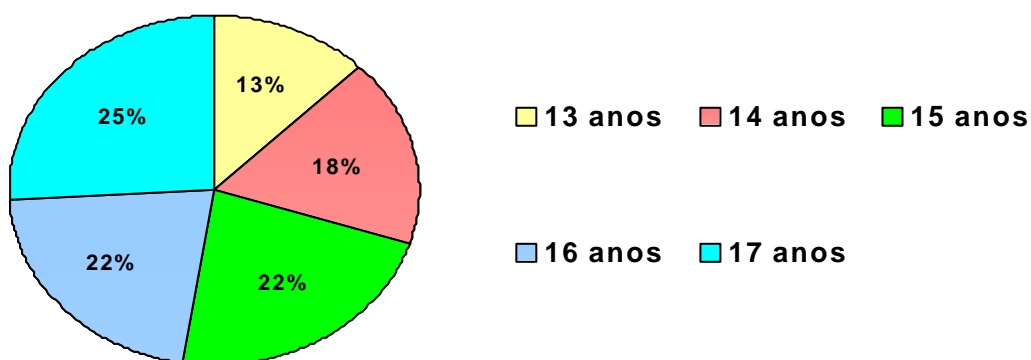


FIGURA 2: faixa etária dos (as) ex-atletas.

3.3 Amostragem

A amostra corresponde a pouco mais de 10% da população estudada, pois participam de campeonatos promovidos pela Prefeitura Municipal de Curitiba cerca de 800 atletas por ano, dentre os quais muitos jogaram em mais de uma categoria, parecendo em duplicidade nos números indicados acima. Há também os que não se enquadraram no período mínimo de treinamento sugerido neste estudo.

3.4 Instrumento de Pesquisa

Para a coleta de dados, utilizou-se de um questionário constituído por uma série ordenada de perguntas, com questões abertas, fechadas, avaliativas e de múltipla escolha (apêndice 1).

Chegou-se a este instrumento em função da literatura pesquisada e dos objetivos específicos propostos neste estudo, sendo o referido questionário dividido em duas partes, sendo a primeira com questões de identificação e perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha e a segunda parte constituída apenas de questões tipo múltipla escolha.

3.4.1 Testagem do Instrumento

Para verificação da qualidade e objetividade do questionário, além de acompanhamento feito por especialistas para observar a relação entre conteúdo e objetivos específicos atingidos através das questões, foi realizado um estudo piloto com dois treinadores de basquetebol de Curitiba, que foram atletas de basquetebol do município e dois ex-atletas que se enquadravam na população proposta com o objetivo de validar o instrumento e conseqüentemente avaliar a eficácia e clareza das questões para a sua definitiva aplicação.

3.5 Procedimentos para a coleta de dados

Este questionário poderia ou não ser preenchido na presença do entrevistador. Muitos foram enviados para treinadores de Curitiba que encaminharam a seus ex-atletas para posterior devolução.

Muitos foram diretamente aplicados pelo entrevistador, na casa, escola ou local de trabalho do (a) entrevistado (a).

Outros foram enviados via correio, via e-mail ou deixados na residência, escola ou trabalho dos (as) entrevistados (as) para posterior coleta. Os dados residenciais foram obtidos através de cadastro de atletas na Federação Paranaense de Basquetebol ou com os ex-técnicos da população em questão.

Foram encaminhados 150 questionários nas formas já citadas. Destes, 120 foram retornados e incluídos na presente pesquisa, sendo que 43 (quarenta e três) foram respondidos de forma imediata e na presença do entrevistador e 77 (setenta e sete) foram respondidos sem a presença do entrevistador e retornados mais tarde via outros treinadores, via e-mail ou resgatados pelo próprio entrevistador na residência, local de trabalho ou escola dos (as) entrevistados (as).

3.5.1 Tratamento Estatístico

Após os dados coletados receberem um tratamento estatístico de forma descritiva, foram representados através de gráficos de barras e/ou setores, interpretados e analisados de acordo com a literatura pesquisada e os objetivos propostos do estudo.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão abordados e apresentados os resultados da pesquisa. Para tal foi dividido em duas sessões: a) Os ex-atletas de basquetebol de Curitiba; b) O abandono da modalidade.

4.1. OS EX-ATLETAS DE BASQUETEBOL DE CURITIBA

Em diversas modalidades esportivas estima-se um tempo de vida útil para o praticante em nível de competição. No basquetebol isto ocorre por volta dos 35 anos, onde observa-se ídolos como Oscar Shimdt ainda em atividade e com 44 anos de vida. Outro exemplo é o pivô norte americano Patrick Ewing da equipe do New York Nicks, da NBA, que este ano resolveu parar de atuar com 40 anos de idade.

Em Curitiba existem muitos admiradores e praticantes do basquete, embora se perceba que em nível de competição, a capital paranaense está muito aquém se comparada com outras capitais da região sul e principalmente da região sudeste. A presente pesquisa observou que a faixa etária dos entrevistados variou de 13 a 17 anos, sendo 13% com 13 anos, 18% com 14 anos, 22% com 15 anos, 22% com 16 anos e 25% com 17 anos (Figura 2). Quanto ao gênero, 60% do gênero feminino e 40% do gênero masculino (Figura 3), mostrando num primeiro momento uma presença maior no número de atletas do gênero feminino que abandonaram o basquetebol em Curitiba, confirmando o que autores como Guedes & Barbanti (1995) que colocam as implicações negativas em termos de estrutura e composição corporal que invariavelmente surgem com o advento da puberdade no sexo feminino, associadas a fatores sócio-culturais adversos a prática da atividade física, possam contribuir para que se encontre um decréscimo nos índices de desempenho motor conforme o avanço da idade nas moças, fato este que pode contribuir em muito para a falta de estímulo e em consequência para o abandono da modalidade. Outra diferenciação, segundo De Rose Jr. (1997) é o fato das meninas possuírem níveis de ansiedade significativamente maiores que os meninos, contribuindo para o aumento nos níveis de estresse e sendo mais um fator para o abandono do esporte.

Estes dados podem demonstrar uma boa distribuição para o levantamento de dados, tornando a pesquisa mais abrangente em relação aos supostos resultados.

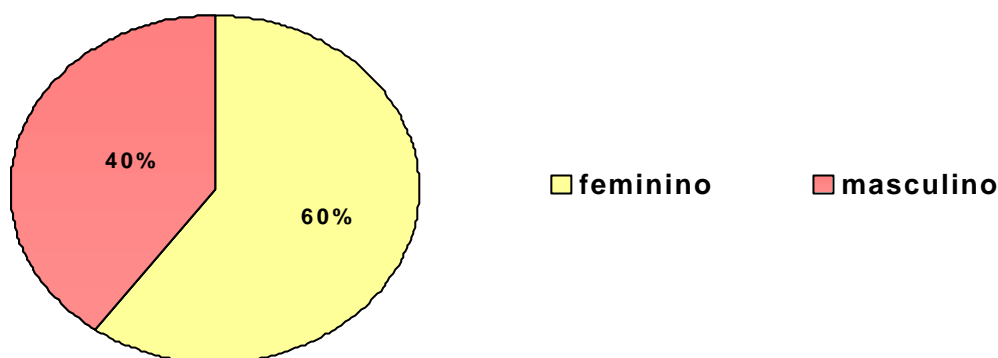


Figura 3: Gênero dos entrevistados

Muitos motivos levam o indivíduo a procurar uma atividade física. Nunomura (1998) destaca como razões para se exercitar o controle de peso, redução do estresse, a busca do prazer, a construção da auto-estima, a socialização e procurar novos desafios. No caso do basquetebol em Curitiba, vários motivos levaram estes ex-atletas a procurarem a modalidade, dentre os quais destaca-se com 9% à vontade de praticar um esporte coletivo, com 12% a necessidade de perder peso, com 18% auxiliar no crescimento, com 42% a influência da família ou amigos, restando 19% para outras variadas opções (Figura 4). Estes números apontam para uma forte influência da família e/ou amigos na procura pelo basquete, possibilitando uma realização para quem indicou a atividade e não necessariamente para aquele que está iniciando a nova experiência. Estes motivos e seus números diferem dos relatos de Becker Jr. (2000) sobre a procura esportiva, ele destaca que a criança busca ter alegria, aperfeiçoar suas habilidades e aprender novas, estar com amigos e conseguir novas amizades, sentir emoções e adquirir forma física.

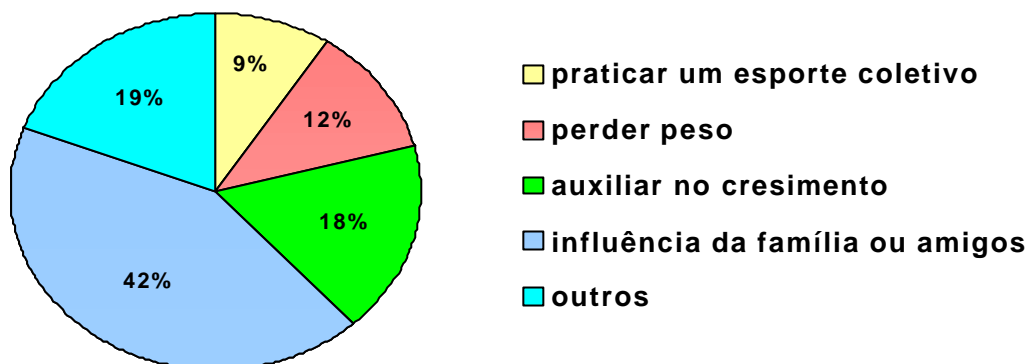


Figura 4: Motivos que levaram a praticar o basquetebol

Seguindo os critérios estabelecidos para a pesquisa, estes ex-atletas passaram por um período de pelo menos um ano letivo em fase de treinamento e competição. Verificando o tempo de treinamento em que cada um dos entrevistados vivenciou em sua carreira dentro do basquete, chega-se aos seguintes números (figura 5):

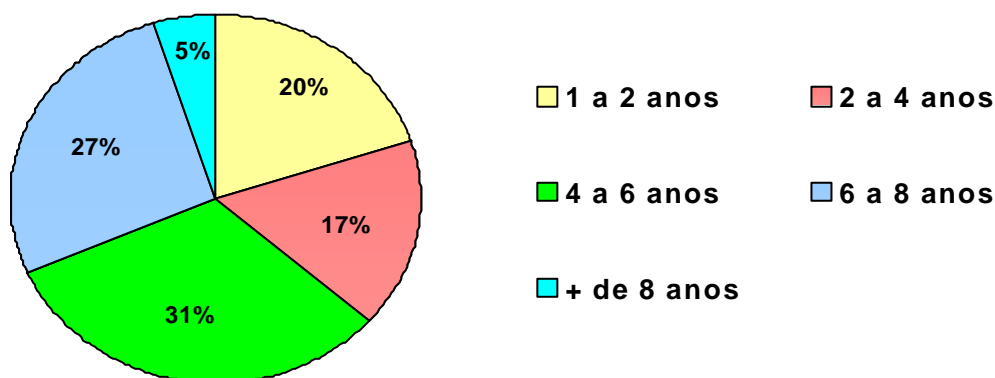


Figura 5: Tempo que treinou basquetebol

Sempre polêmica, a iniciação precoce nas competições esportivas gera preocupações devido ao desempenho futuro dos atletas. Observa-se na pesquisa, que dentre os entrevistados 13% iniciaram nas competições com apenas 10 anos de idade e 29% tiveram as primeiras experiências em competições com 11 anos. Somados estes números chegam a 42% de ex-atletas que iniciaram nas competições fora da idade recomendada por De Rose Jr. (2000), que afirma que

somente por volta dos 12 anos a criança apresentaria essas características desenvolvidas adequadamente, colocando-a em condições de competir. É um número alto e bem relevante, que pode contribuir em muito para uma formação inadequada dos atletas como um todo durante sua carreira esportiva. Já 58% dos entrevistados encontra-se numa faixa correta para a iniciação nas competições esportivas (figura 6). Estes números sugerem que não se está no ideal e que o trabalho desenvolvido neste período e confirmado nos dias atuais está precocemente sendo desenvolvido por profissionais que atuam na área do basquetebol na cidade de Curitiba, podendo este ser um dos grandes motivos do abandono da modalidade. Walker (1982), ao estudar sobre a especialização precoce, sugere que esta especialização não ocorra entre crianças de 6 a 12 anos num esporte determinado e sim que nesta faixa etária, possa-se vivenciar um treinamento geral de educação física, enfatizando a versatilidade e o desenvolvimento básico do aparelho psicomotor, não sendo recomendado nenhum tipo de treinamento intensivo nestas idades.



Figura 6: Idade que iniciou nas competições

Em relação a idade de abandono da modalidade em questão, os números demonstram que a grande maioria, 35% do total, praticou o basquetebol até o 2º ano do Ensino Médio por volta dos dezesseis anos e 25% desistiu com quinze anos (1º ano do Ensino Médio) totalizando 60% dos entrevistados (figura 7). Os outros 40% abandonaram a modalidade ainda mais precocemente, com 14 anos ou menos. Traçando-se um paralelo a estes números, observa-se que nos meninos a grande maioria abandonou com quinze ou dezesseis anos (84%) e nas meninas, este

número cai para 32% para as que abandonaram a modalidade com quinze ou dezesseis anos. Os dados dão indícios de que os meninos possuem uma continuidade maior no esporte em relação as meninas. Estes números parecem confirmar o que Silva & Guedes (1996, p.88) colocam quando afirmam que “não existem dúvidas que o sexo masculino apresenta melhores condições no desenvolvimento motor para jogar basquetebol do que o sexo feminino”, embora os mesmos autores afirmem que em relação a aprendizagem, ambos os gêneros obtiveram os mesmos desempenhos em testes realizados nos seus estudos.

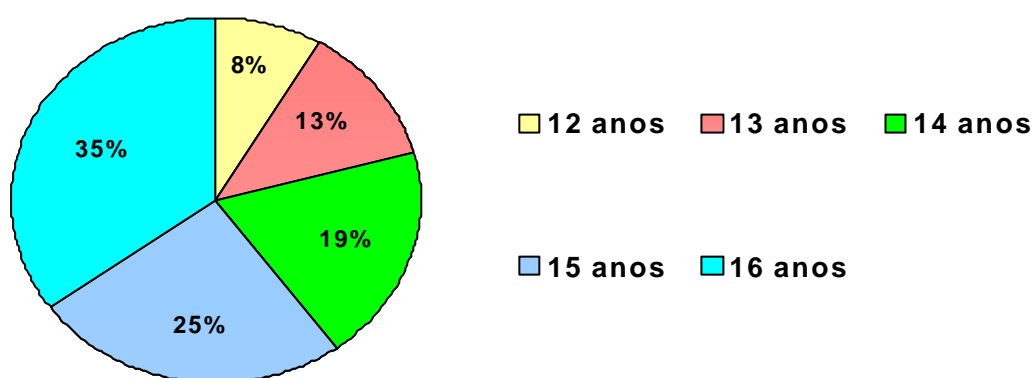


Figura 7: Idade que abandonou o basquetebol

O treinamento é o recurso fundamental para o sucesso nas competições aprimorando a parte física, técnica e tática de um grupo de atletas. Em relação a este item, os números apresentados parecem similares quanto à motivação para este processo chamado treino. O número de vezes que uma equipe treina durante a semana pode proporcionar um aprimoramento maior ou menor das partes citadas acima. Na presente pesquisa, constatou-se que a grande maioria dos entrevistados treinava regularmente no mínimo três vezes por semana, número este indicado por vários técnicos como mínimo para se ter um bom programa de treinamento e planejamento objetivando uma melhora na performance. Os que treinavam de cinco a seis vezes por semana correspondem a 8% do total. A maioria, 35% treinava de quatro a cinco vezes por semana, seguido de perto com 32% dos que treinavam de três a quatro vezes na semana. Apenas 25% treinaram, durante sua fase competitiva do basquete, duas a três vezes por semana (figura 8).

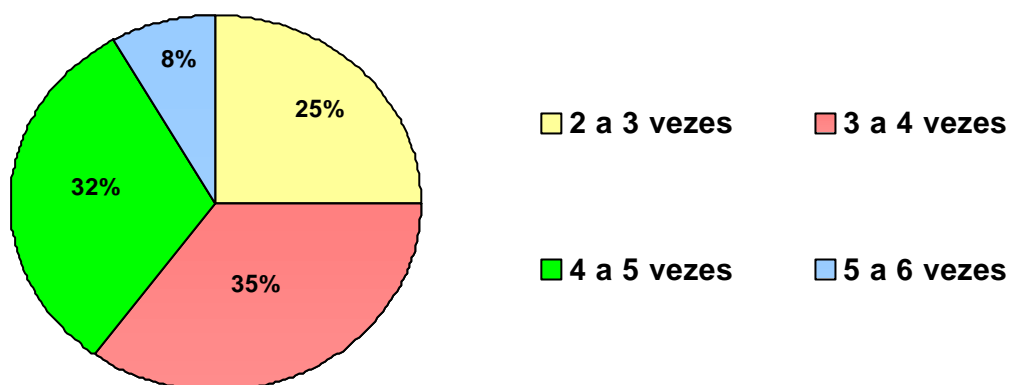


Figura 8: Número de vez que treinava semanalmente

Constata-se através destes números uma boa dedicação por parte dos entrevistados em relação aos treinamentos. Isto pode ser explicado nas questões seguintes. A primeira é como se sentiam em relação ao número de vezes que treinavam semanalmente (figura 9), onde o nível de satisfação foi muito alto, com 55% dos ex-atletas satisfeitos e 17% muito satisfeitos, totalizando 72%. Os outros 28% estão divididos entre os pouco satisfeitos com 15% e os insatisfeitos com 13%.

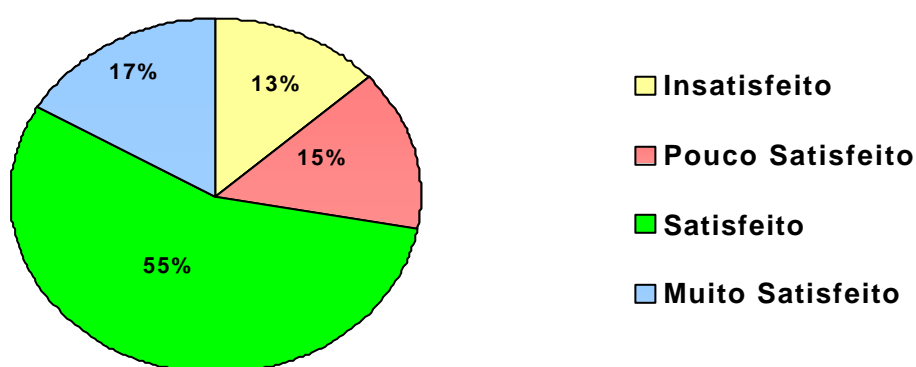


Figura 9: Como se sentia em relação ao número de vezes que treinava

O treinamento pode ser visto como um conteúdo importante na formação do indivíduo no processo de ensino desenvolvido pelo professor, desde que possibilite a sua utilização para atendimento às reais necessidades sociais, analisadas e assumidas com e pelo próprio grupo de pessoas envolvidas (PEREZ, 2000). O mais

importante neste processo de treinamento, no ponto de vista motivacional, é questão se realmente gostava ou não de treinar. Observa-se aí uma maciça maioria (figura 10) de ex-atletas que realmente gostavam de treinar, com 83% e apenas 17% os que não gostavam de treinar, mais uma vez comprovando que existia uma grande dedicação em relação aos treinamentos. Nestes 17% podem estar os ex-atletas que possuíam uma carga de treinamento muito pesada, frustrante ou desmotivada. Gould (apud BECKER JR., 2000) em seus estudos, constatou que 16% das crianças abandonavam a prática esportiva devido a dificuldades no treinamento.

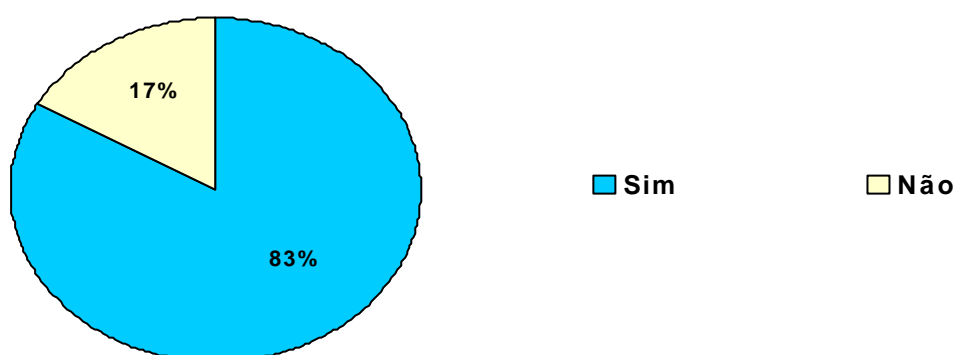


Figura 10: Gostava de Treinar

Gostar de jogar não implica necessariamente em gostar de treinar e vice-versa. Os números não se repetem quando comparados entre os que gostavam de treinar e os que gostavam de competir. O número dos que gostavam de treinar, 83%, é menor em relação aos que gostavam de competir, 97%. A diferença pode não ser tão significativa, mas observa-se que além da competição ser mais motivante para o (a) atleta, alguns não possuíam o mesmo interesse que apresentava para os jogos nos treinamentos, possibilitando talvez um baixo aproveitamento em relação aos treinamentos e conseqüentemente aos próprios jogos. Os que gostavam de competir correspondem a 97% dos entrevistados, restando apenas 3% para os que não gostavam de competir. (figura 11)

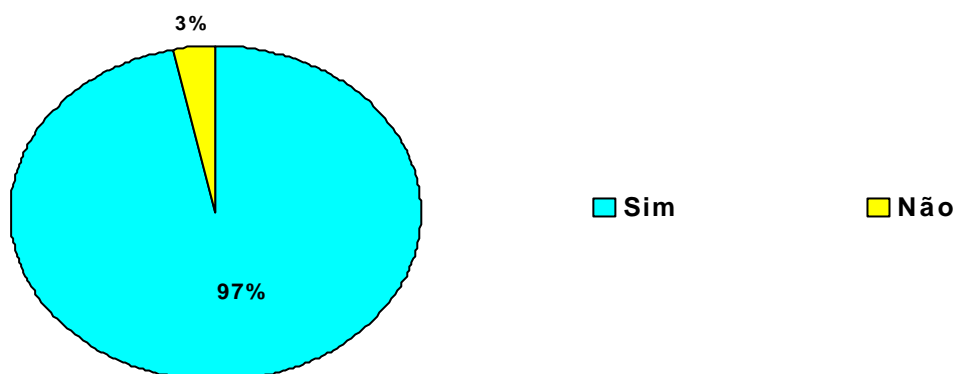


Figura 11: Gostava de Competir

Mais uma comprovação para o fato da motivação maior ser para a competição é quando se aborda como os ex-atletas se sentiam durante as competições. O nível de motivação é maior do que em relação aos treinamentos. 94% apresentavam-se com um nível de motivação alto, sendo 66% muito motivado e 28% motivado. 6% dos entrevistados afirmaram não sentir um nível de motivação condizente com a exigência da competição, ficando 3% com os que se sentiam pouco motivados e outros 3% para os que se sentiam desmotivados (figura 12). Podem, estes últimos números, serem conseqüências do baixo rendimento destes atletas ou talvez da falta de oportunidades para jogar devido ao seu próprio desempenho.

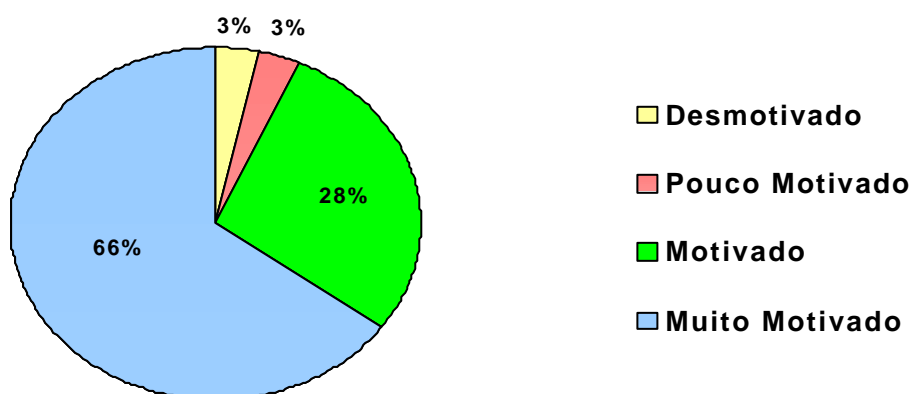


Figura 12: Como se sentia durante as competições

Responsável direto para o sucesso dos atletas, pela formação esportiva destes e, na grande maioria dos casos, atuando como psicólogo pai e conselheiro, o

técnico exerce uma função fundamental para o atleta estar motivado e preparado para a carreira esportiva. A formação deste profissional sugere que atue como técnico e como educador, pois se trabalha com crianças e adolescentes e há a preocupação geral de formar cidadãos melhores e mais preparados para o mundo. Com tantas funções e qualidades, o técnico deve ter um bom relacionamento com os atletas para que haja harmonia em treinamentos e jogos com troca de experiências entre estes objetivando um aprendizado maior e oportunidade de crescimento para todos. Em relação a este item, Becker Jr. (2000, p. 63) atribui que “uma parte importante do abandono a figura do treinador, por gerar estresse competitivo, manter o esportista muito tempo no banco, realizar treinamentos aborrecidos, não motivar e não estimular o suficiente”. Verificou-se então, que 43% possuíam um excelente relacionamento com o técnico e 29% um bom relacionamento, totalizando 72% de ex-atletas satisfeitos em relação ao treinador. Estes números confirmam o bom papel que o técnico precisa exercer com os atletas durante seu comando. Dos 28% restantes, 19% estão identificados como indiferentes e 9% como um relacionamento ruim. O número de 28%, apesar de baixo, pode ser relevante, forçando a se pensar na busca de um melhor relacionamento entre técnicos e atletas e também num maior preparo deste profissional para superar as dificuldades que a tarefa de treinador exige (figura 13).

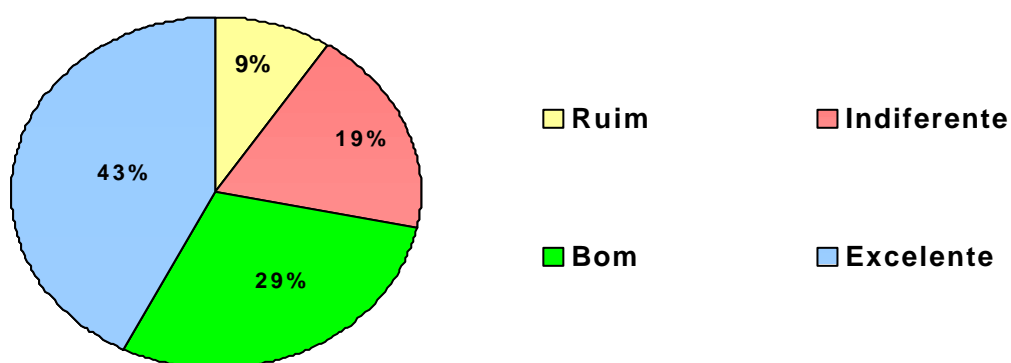


Figura 13: Relacionamento com o técnico

Se muitos atletas iniciaram na modalidade devido à influência dos amigos que já praticavam o esporte escolhido, a continuidade neste também tem a participação

dos (as) companheiros (as) de equipe. Um bom relacionamento pode proporcionar bem-estar durante treinamentos e jogos, onde se cria respeito e amizades nestes períodos, fortalecendo e motivando o atleta em todas as suas fases. Os números confirmam esta importância. Foi indicado por 46% dos ex-atletas ter um excelente relacionamento com os companheiros de equipe, enquanto que 38% tinham um bom relacionamento. Já 10% consideravam indiferentes e apenas 6% tinham um relacionamento ruim com seus colegas de time (figura 14).

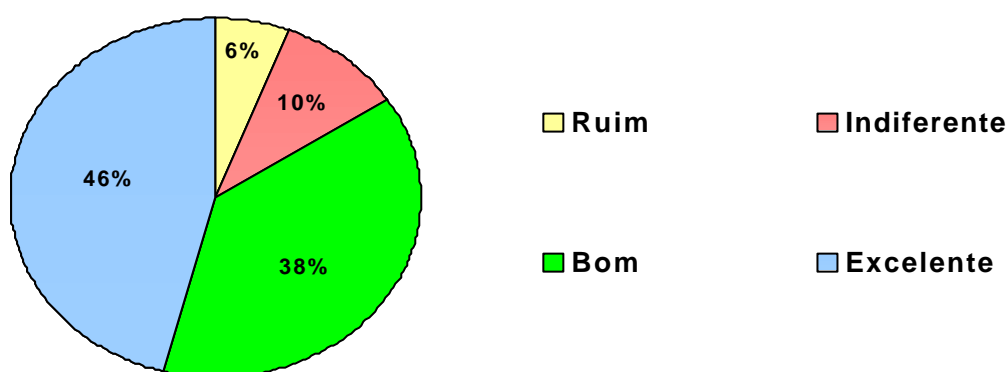


Figura 14: Relacionamento com os companheiros de equipe

A família é a maior fonte de influência na vida dos atletas, pois é aí que os jovens primeiro aprendem e desenvolvem competências de vida e mecanismos de confronto para lidar com as exigências competitivas (GOMES, 2001).

Baseado neste fato, o apoio dos pais torna-se o principal motivo para a iniciação em uma modalidade esportiva, fundamental para o desenvolvimento desta e decisivo muitas vezes para a continuidade ou abandono do mesmo. Os dados da presente pesquisa (figura 15) mostram que 54% dos ex-atletas tinham total apoio dos pais e com 46% não tinham total apoio, poderiam neste caso receber determinado incentivo, mas este não necessariamente era constante em todas as situações problemáticas ou não.

Os números não estão distantes, cabendo rever a função dos pais na atividade esportiva dos filhos. Becker Jr. (2000, p. 119) coloca que “as relações entre pais e filhos são por si só muito complexas e na prática esportiva dos filhos pode observar-se a complexidade e mais a avaliação constante do rendimento”. Como

visto anteriormente, Gomes (2001) classifica os pais em cinco categorias: críticos, descontrolados, com poder de técnico, superprotetores e desinteressados.

Mas, os dados da pesquisa revelam que, mesmo a grande maioria tendo o apoio dos pais, o abandono do esporte aconteceu da mesma maneira.

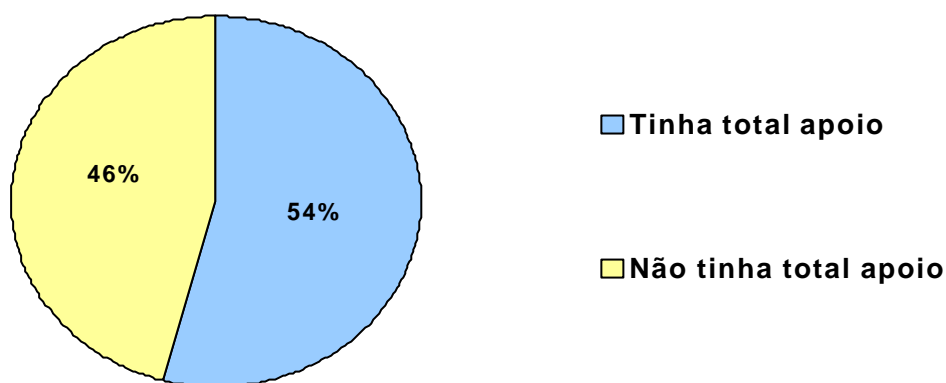


Figura 15: Apoio dos pais

4.1. O ABANDONO DA MODALIDADE

Nesta parte da pesquisa foi solicitado aos entrevistados que assinalassem para cada opção o grau de intensidade do motivo que contribuiu para que ele (a) abandonasse o basquetebol, podendo ser enquadrados ao fato de: não contribuiu em nada, contribuiu um pouco, contribuiu muito ou foi fator decisivo para o abandono do basquetebol. É importante frisar que algumas opções podem ter o mesmo grau de importância para os entrevistados e, por este motivo, os resultados apresentados fixaram-se nos de maior incidência de aparecimento, excluindo-se as opções com percentuais de menor representatividade. Em relação as opções, estas foram escolhidas através da literatura existente e da vivência no dia a dia com o esporte, que proporciona um contato muito próximo com atletas e seus problemas mais freqüentes.

Dos fatores que contribuíram muito e/ou foram decisivos na opinião dos entrevistados, para o abandono do basquetebol, os que possuem números mais expressivos encontram-se na interferência dos estudos com apenas 4% afirmando que não contribuiu em nada para o abandono do basquetebol, 12% que contribuiu

um pouco, 26% que contribuiu muito e 58% dos entrevistados colocam a interferência dos estudos como fator decisivo para o abandono (figura 16). Esta interferência pode acontecer em diferentes situações variando, por exemplo, conforme a idade. Atletas com 17 anos são considerados vestibulandos, onde passam por uma carga diária de estudos muito grande, não sobrando tempo para uma prática esportiva regular. Insucessos na escola (notas baixas) também podem ser considerados fatores que determinam a tomada de decisão dos pais em punir o filho retirando-o da escolinha ou treinamento do basquetebol. Punição ou não, o fato é que o sucesso esportivo também depende de boas notas escolares, o atleta em muitos lugares, principalmente nos países mais desenvolvidos e conscientes desta importância, é visto além de um ídolo, como um exemplo a ser seguido. Este exemplo passa nas suas atitudes dentro e também fora da quadra, onde um comportamento modelo, com bons costumes e bom rendimento escolar contam muito e são extremamente valorizados pelos espectadores, apreciadores e envolvidos com o esporte de um modo geral. Um ídolo para ser realmente completo precisa atender estas exigências como um todo. Existem, na atualidade, maus exemplos de atletas, onde se atribui como ídolos àqueles que muitas vezes extrapolam os bons costumes e são constantemente citados como péssimos exemplos de pessoa e/ou caráter.

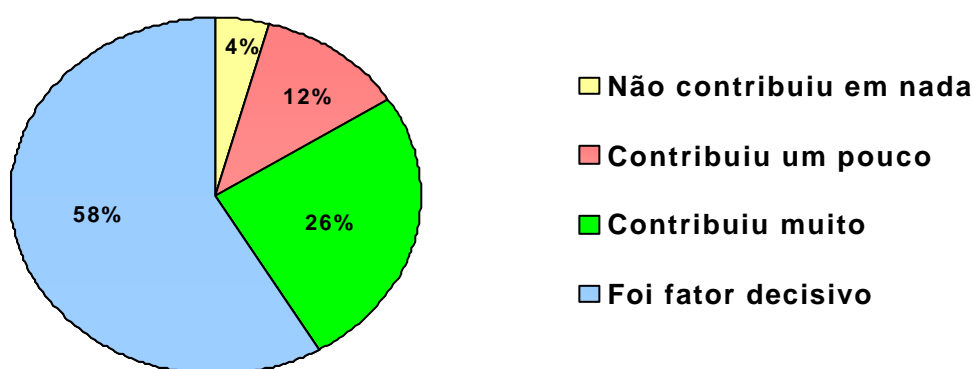


Figura 16: Interferência dos estudos

Nesta e em outras situações, o apoio dos pais é fundamental para a continuidade esportiva do filho. Entre os entrevistados, 20% acreditam que os pais

não influenciaram em nada para o seu afastamento do basquetebol, 17% acham que contribuiu um pouco, 30% consideram este um fator que contribuiu muito e 33% afirmam que o apoio dos pais foi fator decisivo para o abandono da prática do basquetebol competitivo em Curitiba (figura 17). Percebe-se aí, a influência dos pais na atividade esportiva dos filhos, sendo, muitas vezes, responsáveis diretos para o afastamento do esporte. Situações como a cobrança nos estudos, exigindo uma dedicação maior por parte do (a) filho (a), contribuem para o afastamento deste, seja por baixo rendimento escolar, seja principalmente, na época do período pré-vestibular. A falta de acompanhamento e a indiferença também são fatores que podem ser atribuídos como influentes no afastamento do esporte, pois quando o (a) atleta não se sente prestigiado e incentivado pelos pais, o risco de abandono da modalidade aumenta. Becker Jr. (2000, p. 25) confirma este fato colocando que “o apoio emocional dos adultos, especialmente dos pais, influencia na qualidade da participação dos jovens no esporte”.

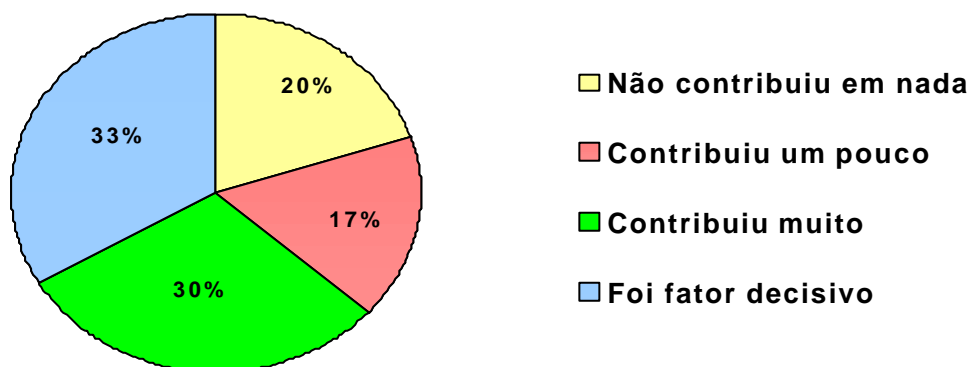


Figura 17: Falta de apoio da família

Nunomura (1998) afirma em seu estudo que a principal razão para cessar a atividade física escolhida é a falta de tempo para continuar praticando-a. Esta falta de tempo já foi verificada com a interferência dos estudos e aparece também quando a necessidade de trabalhar torna-se um fator importante na hora da opção ou não da continuidade esportiva. Este fator foi mais manifestado entre os ex-atletas que estudavam em escolas públicas, onde talvez a condição financeira dos pais não fosse a ideal, obrigando muitas vezes ao jovem atleta abandonar o esporte

escolhido para poder trabalhar e assim ajudar nas despesas da casa. Os números apontam que 56% dos ex-atletas acreditam que este foi um forte motivo para o seu afastamento do basquetebol competitivo, sendo que 28% dos entrevistados afirmam que este fator foi decisivo e 28% que contribuiu muito. Já para 23%, este foi um fator que contribuiu um pouco e, para 21% não contribuiu em nada para o abandono da modalidade. (figura 18)

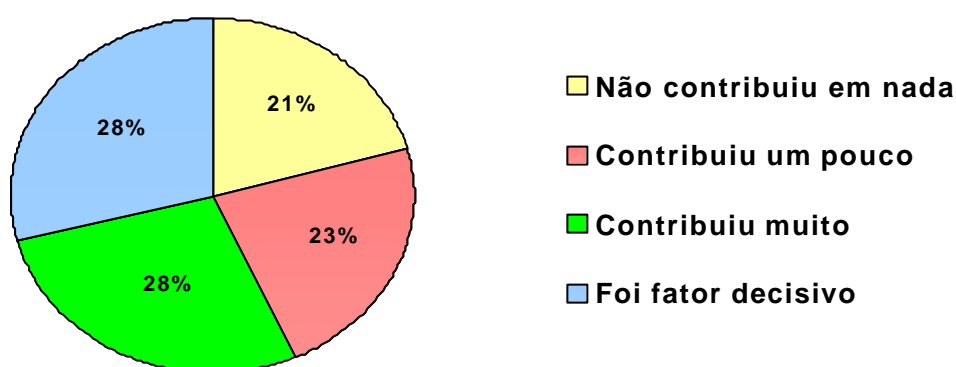


Figura 18: Necessidade de trabalhar

Para ter bons resultados no esporte é preciso dedicação, que aparece através do empenho dentro e fora da quadra, no cuidado com a parte física e na assiduidade aos treinamentos. Esta frequência nos treinamentos pode ser atrapalhada por vários fatores, como os já citados interferência dos estudos e necessidade de trabalhar. Este comprometimento com a obrigatoriedade dos treinamentos foi também fator de destaque entre os ex-atletas que apontaram causas para o abandono do basquetebol competitivo em Curitiba. Para 43% esta obrigatoriedade de treinar todos os dias não contribuiu em nada para o abandono e outros 12% acham que contribuiu pouco. Já para 23% esta obrigatoriedade contribuiu muito e foi fator decisivo para outros 22% (figura 19). Estes são números interessantes, pois muitas vezes os atletas que por variados motivos não podem treinar regularmente, fazem acertos para treinarem uma ou duas vezes por semana, tudo para não pararem de praticar a modalidade escolhida. Com o passar do tempo, percebem que seu rendimento já não é o mesmo ficando abaixo do nível das colegas de equipe e muitas vezes por isso, abandonando de vez o esporte de competição.

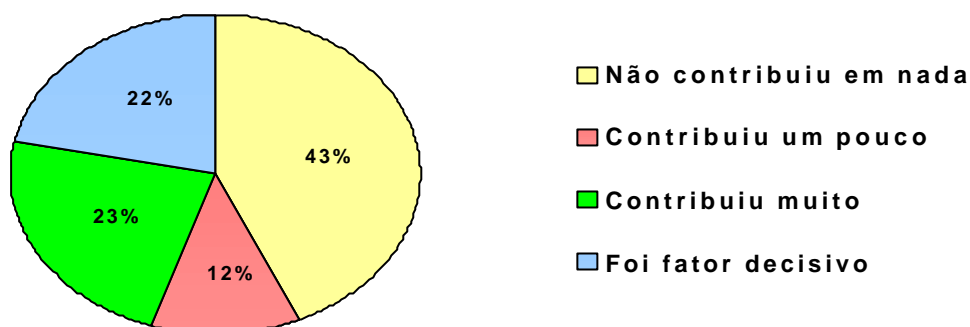


Figura 19: Obrigatoriedade de treinar todos os dias

A motivação orienta as pessoas a realizarem suas aspirações, persistir quando erram e sentir orgulho ao atingir seus objetivos (DE ROSE JR., 2002). A motivação deve estar sempre presente na vida dos atletas, pois um atleta desmotivado tende a apresentar baixos rendimentos. A motivação, segundo De Rose Jr (2000) pode ser Extrínseca (fatores externos como premiação, dinheiro, fama) ou Intrínseca (fatores internos como satisfação e superar desafios), podendo, o atleta, apresentar os dois tipos de motivação como também a ausência de ambos. Muitos autores defendem que os mesmos motivos que levam as crianças ou adolescentes a procurarem a atividade esportiva, também são, na ausência destes, que levam os mesmos ao afastamento da modalidade escolhida. Dos ex-atletas entrevistados, 27% acham que a falta de motivação não contribuiu em nada para o seu afastamento do basquetebol, 16% afirmam que contribuiu um pouco. Se somados as opções contribuiu muito e foi fator decisivo, chega-se a 57% dos entrevistados, distribuídos com 24% para os que atribuem como fator que contribuiu muito e 33% como fator decisivo para o abandono da modalidade, demonstrando a importância da motivação para a continuidade esportiva (figura 20).

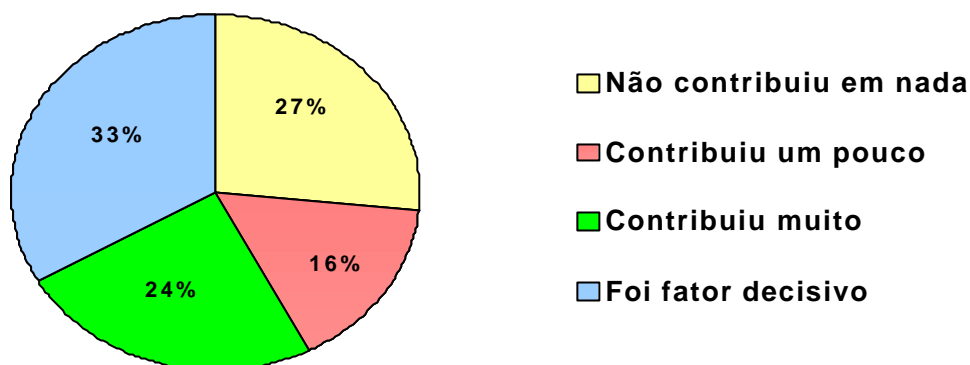


Figura 20: Falta de motivação

Esta falta de motivação pode estar relacionada com outras opções que estão dentro da própria pesquisa como o reconhecimento da falta de talento e/ou aptidão e a obtenção de insucessos repetitivos que foram opções que também demonstraram grau de significância em relação ao abandono do basquetebol competitivo na cidade de Curitiba. Em relação aos insucessos repetitivos, os números foram parecidos entre as quatro opções em nível de contribuição. Dos entrevistados, 23% ou não tiveram insucessos repetitivos ou não atribuem em nada como sendo este fator significativo como motivo para o abandono da prática do basquete competitivo e 24% acreditam que contribuiu um pouco. Os números mostram, porém, que para 53% dos ex-atletas este foi um fator importante, sendo 26% afirmando que contribuiu muito e 27% sendo este o fator decisivo para a sua desistência do basquetebol, demonstrando que a motivação é fundamental em todas as etapas do desenvolvimento esportivo e fundamental para a sua continuidade (figura 21).

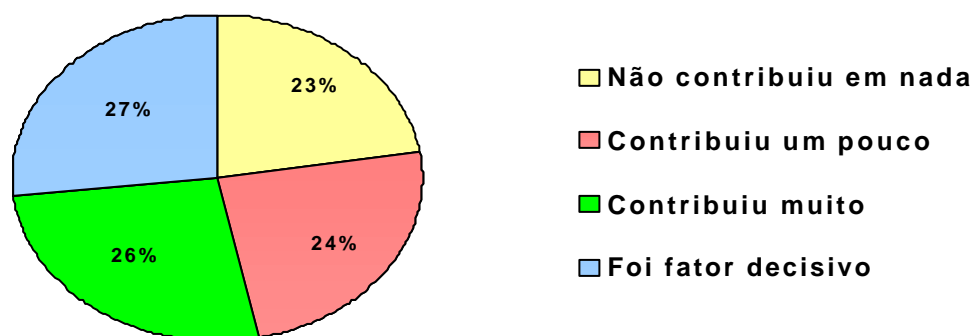


Figura 21: Insucessos repetitivos

Com o passar do tempo o atleta vai superando limites e tendo um crescimento na modalidade ou, devido as suas próprias limitações físicas ou técnicas, percebendo que o seu rendimento já não é o esperado, comparando-se com outras situações do passado ou mesmo aos colegas de equipe. Este fato contribui para a diminuição no nível de motivação e conseqüentemente para o abandono da modalidade. Becker Jr. (2000) em seus estudos apurou que 24% das crianças abandonam a prática esportiva por não ter habilidade suficiente como desejavam para o esporte. Os números referentes ao reconhecimento da falta de talento e/ou aptidão para a continuidade no esporte em questão apontam que 38% dos entrevistados não atribuem em nada este fato como motivo para o afastamento do basquete competitivo e 16% atribuem um pouco. Já para 46% dos ex-atletas este foi um fator significativo no processo de abandono, sendo 26% destes considerando que contribuiu muito e 20% atribuindo como fator decisivo (figura 22).

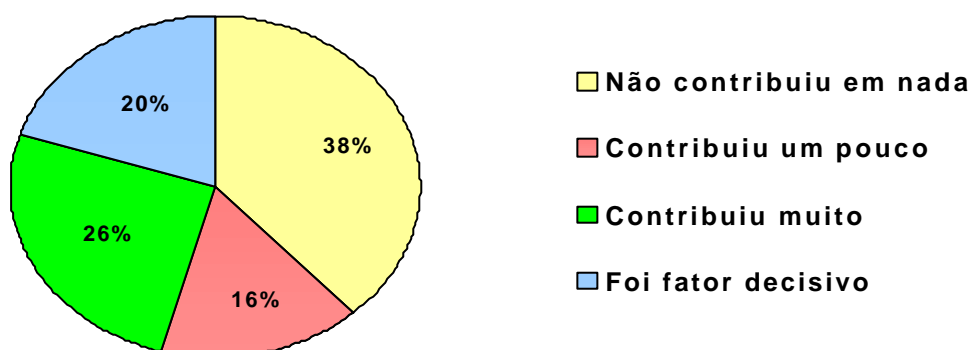


Figura 22: Reconhecimento da falta de talento e/ou aptidão

Outro fator que pode contribuir para a falta de motivação e confirmar o reconhecimento da falta de talento e/ou aptidão é a dificuldade de obter melhoria nos resultados após certo período. Becker Jr. (2000) aponta a falta de êxito como destaque para o abandono do esporte. Os números mostram que para 36% este foi um fator que não contribuiu em nada. Cerca de 29% acham que contribuiu um pouco, 23% que contribuiu muito e 12% que foi fator decisivo (figura 23).

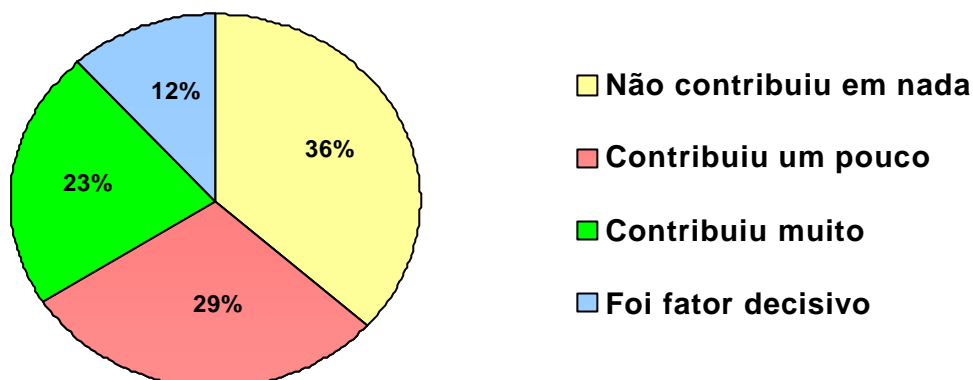


Figura 23: Dificuldade de obter melhoria nos resultados, após certo período.

Após todo o levantamento de dados, analisando os fatores que tiveram relevância e contribuíram para que atletas praticantes do basquetebol competitivo em Curitiba abandonassem a modalidade, percebe-se que existem duas tendências principais que levaram e talvez ainda levem e levarão muitos atletas a desistirem da modalidade.

A primeira tendência é a falta de tempo para poder se dedicar através dos treinamentos e sucessivos jogos, aliando a isto a necessidade de investir no estudo e /ou a necessidade de trabalhar devido a busca da formação de uma nova carreira ou mesmo pela necessidade financeira da família.

A outra tendência é de ordem motivacional. Percebe-se que a falta de motivação é fator importante para o abandono da modalidade. Esta falta de motivação pode ser encontrada na falta de apoio da família, no reconhecimento da falta de talento e/ou aptidão, em insucessos repetitivos e também na dificuldade de se obter melhoria nos resultados após certo período.

Percebe-se através da presente pesquisa, que os resultados vão ao encontro dos estudos de Becker Jr. (2000), onde ele explica que para a maioria das crianças, o nível máximo de participação ocorre aos doze anos, etapa em que ingressam na adolescência. Na etapa do ensino médio ou universitário, os adolescentes referem muitas queixas e desmotivação com o desporto. Dos treze anos em diante, há uma redução na participação no esporte, sendo que no máximo aos dezoito, ocorre uma redução crucial na mesma.

4.2 PROPOSIÇÃO DE NOVAS ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

Este estudo, ao verificar o que a literatura mostra em relação ao aprendizado esportivo, treinamento e os problemas e desafios encontrados para a promoção e incentivo a esta modalidade, mais especificamente sobre a cidade de Curitiba, destacou os principais problemas que o praticante da modalidade em questão tem para dar continuidade a sua trajetória esportiva.

Analizando os resultados obtidos do presente estudo, que expressa a opinião dos ex-atletas de basquetebol, este trabalho contribui com os profissionais da área e responsáveis pela sua promoção, propondo possíveis estratégias a serem utilizadas para a melhoria na qualidade, quantidade e continuidade do basquetebol na capital do paranaense, tais como:

Melhorar a formação do profissional envolvido, buscando não só a formação em Educação Física como também em cursos especializados nesta área de atuação.

Realizar não só um maior número de eventos, bem como melhorar a qualidade destes eventos, estimulando cada vez mais a prática da modalidade para que um dia esta possa ser considerada um esporte de massa.

Preparar a criança para a competição desenvolvendo sua parte física, técnica, tática e psicológica.

Retardar a especialização precoce nas posições dos jogadores.

Estimular maior intercâmbio entre escolas, clubes ou associações permitindo troca de experiências visando o crescimento da modalidade e de seus praticantes com apoio da iniciativa privada ou do próprio governo, criar pequenos núcleos nos bairros sob a supervisão de profissionais competentes estimulando a prática do basquetebol e encaminhando os destaques para escolas, clubes ou associações que possuem equipes para que possam ser aproveitados.

Promover maior envolvimento dos pais de atletas, conscientizando-os da importância do esporte e orientando-os como participar mais ativamente e positivamente na vida esportiva de seus filhos.

Procurar não centralizar todo o trabalho apenas no técnico ou professor. Integrar este trabalho com acadêmicos de Educação Física, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Medicina e Psicologia das diversas Universidades para que num

trabalho voluntário ou não, visem a formação e o desenvolvimento dos atletas como um todo.

Apoiar através de bolsa de estudos ou através de compensações financeiras a participação de atletas nas universidades.

Estimular a criação e manutenção de equipes universitárias. Com isto acontecendo, haveria uma formação contínua e completa do atleta possibilitando sonhos mais altos em nível de esporte nacional e até mesmo mundial, com participações em Campeonatos Mundiais da modalidade e nas Olimpíadas, que é o grande sonho da maioria dos atletas que se dedicam e amam o esporte que escolheram.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA FUTURO TRABALHOS

5.1 Conclusões

Ao analisar os motivos do abandono do basquetebol competitivo na cidade de Curitiba por parte dos praticantes da modalidade, este estudo verificou que, entre os principais motivos estavam a falta de tempo, verificada através de fatores como interferência dos estudos, necessidade de trabalhar, obrigatoriedade de treinar todos os dias.

A falta de motivação também foi um dos motivos encontrado para o abandono da modalidade onde, embora um alto nível de motivação estivesse presente durante os treinamentos e as competições, verificou-se que a falta da mesma foi relevante quando apontada como motivo para o abandono do basquetebol. Motivação essa também influenciada por situações como insucessos repetitivos, reconhecimento da falta de talento e/ou aptidão e dificuldade de obter melhoria nos resultados após certo período.

A influência do técnico na carreira esportiva do atleta é grande e importante para o bom desenvolvimento dos jovens durante a prática de uma modalidade esportiva. Sua função vai além de ensinar o esporte escolhido pelos atletas em questão, atuando também como um grande incentivador, amigo, conselheiro e, muitas vezes, como um pai. Em relação ao relacionamento entre os ex-atletas e seus treinadores foi mensurado como muito bom; não influenciando diretamente no abandono da modalidade.

A participação dos pais também é parte fundamental para a continuidade esportiva dos filhos. O incentivo à prática esportiva deve ser constante, o equilíbrio entre estudo e esporte deve existir para o bom funcionamento de ambos, não interpretando o esporte apenas como lazer e uma alternativa que os pais têm muitas vezes de punir o filho com o afastamento dos treinamentos ou competições devido ao baixo rendimento escolar ou ao mau comportamento. Embora ausente em muitos dos ex-atletas, o apoio dos pais não foi considerado por estes um motivo relevante para o abandono do basquetebol.

5.2 Recomendações para futuros trabalhos

Este estudo procurou observar os ex-praticantes de basquetebol da região de Curitiba, de ambos os sexos e que abandonaram a modalidade em sua forma de competição muito precocemente, entre os 13 e 17 anos. Muitas escolas, clubes ou associações mantêm um trabalho voltado a formação esportiva e ao desenvolvimento da modalidade em questão, formando e revelando atletas todos os anos, embora que paralelamente a isto, muitos praticantes também deixam a modalidade todos os anos, tornando-se um ciclo natural, onde o mais importante é tentar a cada ano uma manutenção maior dos atletas praticantes e conseqüentemente uma diminuição no número de desistentes.

Para futuros trabalhos e até como forma de complementação deste estudo, recomenda-se uma pesquisa mais aprofundada, detalhando melhor as faixas etárias (categorias) e os gêneros feminino e masculino para posterior comparação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASTRAND, P.O. *Crianças e Adolescentes: desempenho, mensuração, educação*. Revista Brasileira Ciência e Movimento, n.6, p. 59-68, 2º vol. São Paulo. 1992
- ABERGO: *Associação Brasileira de Ergonomia*, 1992, ed. Oboré editorial Ltda, SP. P. 117.
- BECKER JR., Benno. *Psicologia aplicada à criança no esporte*. Ed. Novo Hamburgo, 1ª ed, 240p. Novo Hamburgo-RS. 2000
- BERLEZE, Adriana; VIEIRA, Lenamar F. KREBS, Ruy J. *Motivos que levam crianças à prática de atividades motoras na escola*. Revista da Educação Física UEM, n.1, 13º vol., p. 99-107. Maringá-Pr. 2002
- BRANDÃO, Maria Regina F. *Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura*. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, n.1, vol. 8, p. 49-58. 2000
- CAMPBELL, Sue. *A função do treinador no desenvolvimento do jovem atleta*. Revista Treino Desportivo, CEFD. Ano 1 n.3. Lisboa-PT. Junho 1998.
- CORLETT, E. Nigel. *Ergonomia das máquinas e ambientes de trabalho*. **Anais: I Congresso Latino Americano e III Seminário Brasileiro de Ergonomia**.
- CRATTY, B.J.. *Psychological in Contemporary Sport*. 3 ed. New Jersey. Pridice Hall-Englewood Cliffs. 1989.
- DAIUTO, M.B. *Basquetebol: Metodologia do Ensino*. São Paulo, Brasil Editora, 1983, 420 p.
- DE PAULA, Rui Souza. *Basquetebol: Metodologia do Ensino*. Rio de Janeiro. Editora Sprint Ltda. 1994. 147 p.
- DE ROSE JR., Dante. *Sintomas de Stress no Esporte Infanto-Juvenil*. Revista Treinamento Desportivo, FMU, n.3, p. 12-20. São Paulo. 1997
- DE ROSE JR., Dante. *Estudo comparativo da motivação intrínseca em escolares praticantes e não praticantes de dança*. Revista Brasileira Ciência e Movimento. Brasília. Vol 8 . n.1. Janeiro 2000.
- DE ROSE Jr., Dante. *Esporte e Educação Física na infância: uma abordagem multidisciplinar*. Editora Artmed. Porto Alegre-RS. 2002
- FEIJO, O.G. *Corpo e Movimento: uma psicologia para o esporte*. Editora Shape. Rio de Janeiro, 1992.

- FERREIRA, Aluísio Elias Xavier, *Basquetebol: técnicas e táticas: uma abordagem didática-pedagógica*. São Paulo.EPU. 1987
- GAUDERER, E. Christian. *O Adolescente*. Livraria Atheneu. São Paulo.1984
- GOMES, A Rui. *Revista Treino Desportivo*. C.E.F.D. Lisboa, PT. p. 30 a 37. Março 2001
- GRANDJEAN, Etienne. *Manual de Ergonomia: adaptando o trabalho ao homem*. Artes Médicas. 1998
- GUEDES, Dartagnan Pinto; BARBANTI, Valdir José. *Desempenho motor em crianças e adolescentes*. Revista Paulista de Educação Física. n.9 p. 37-50. São Paulo. 1995
- HAHN, E. *Entrenamiento com niños*. Ediciones Martizes. Roca- Espanha. 1988
- LAVILLE, Antoine. *Ergonomia*. Editora Pedagógica e Universitária Ltda. São Paulo. 1977
- LAWTHER, J.D. *Psicologia Desportiva*. 1ª Ed., São Paulo. Forum. 1973.
- LIDA, Itiro. *Ergonomia. Notas de aula*. Editora EPUSP, São Paulo-SP. 1992. 3ª .ed. p. 01-51.
- MAGILL, R. A. *Aprendizagem Motora: conceitos e aplicações*. São Paulo. Edgar Blucher. 1984
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS. Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Editora Atlas, 4ª edição, 1999.
- MASSUCATO, José Geraldo. *Preferências de práticas esportivas dos estudantes do 1º grau nível II e 2º grau*. Revista Paulista de Educação Física, n.2, p. 55-58. São Paulo. 1988
- MATTO, M. *Búsqueda y capacitación de talentos*. Stadium, n.74, p. 29-31, 13º vol. Buenos Aires - Argentina. 1978
- MEDALHA, J. e BORSARI, S. *Basketball. Manual de Educação Física*. São Paulo. EPU, 1975. 2º vol.
- MESQUITA, Roberto Maluf de. *Basquetebol: Brasil x Estados Unidos. Por que a diferença?*. Sprint Magazine n.76, p. 41. Editora Sprint Ltda. Rio de Janeiro. 1995
- MORO, Francisco Baptista. *Estudo Conceitual de banco de dados ergonômico para uso em projeto de produtos com auxílio de um manequim 3D*. Dissertação Mestrado, Ergonomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1992.

- NERICE, Imideo Giuseppe. *Adolescência, drama de uma idade*. Ed. Pioneira. São Paulo. 1970
- NUNOMURA, Myrian. *Motivos de adesão à atividade física em função das variáveis idade, sexo, grau de instrução e tempo de permanência*. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde. Volume 3. P. 45-58. São Paulo, 1998.
- PAES, Roberto Rodrigues. *Aprendizagem e competição precoce: O Caso do Basquetebol*. Editora da UNICAMP. 1997
- PASSER, M. W. *Children in sport : participation, motives and psychological stress*. Champaign, Human Kinetics. Cap 9, p. 55-59. 1986
- PERES, Anselmo J. *Quem são os atletas e os não-atletas no processo de treinamento?* Revista brasileira de Ciências do Esporte. Artgraf n. 2, v.2, p. 129-131. Campinas. 2000
- RIUS, Joan. *Formación de Jóvenes Deportistas*. Ediciones Pedagógicas. Madri - Espanha. 1995
- ROBERTS, G.C. *Children in competition : a theoretical perspective and recommendations to practice*. Theory into Practice, n.1, v.4, p. 37-50. 1980
- SAMULSKI, D. *Psicologia do Esporte: teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte. Imprensa Universitária, UFMG. 1995
- SAMULSKI, Dietmar. *Esporte e desenvolvimento da personalidade*. Revista Paulista de Educação Física. n. 6. p. 59-64. São Paulo. 1992
- SHIGUNOV, Viktor. *Reflexões sobre o Desporto Escolar: Questões de Formação e Competências*. Revista Paranaense de Educação Física. n.1, 1º vol, pg 44-54. Curitiba. 2000
- SILVA, Luis Antonio P.; GUEDES, Maria S. *Diferenças entre sexos na aprendizagem do Basquetebol*. Revista da Educação Física UEM. N. 7, p.85-89. Maringá-PR. 1996
- SINGER, R.N. *Psicologia dos esportes: mitos e verdades*. São Paulo. Harder e Row do Brasil. 1977
- SIMÕES, Antonio Carlos. *A participação dos pais na vida esportiva dos filhos*. Revista Paulista de Educação Física. n 13 p. 34-45. São Paulo. 1999
- SOUZA, Erondina Leal Barbosa. *Estudo dos fatores que levam os jovens ao abandono do esporte: o caso de Minas Gerais*. Dissertação. UFSC. Florianópolis. 2000
- TANI, G. 20 anos de ciência do esporte: um transatlântico sem rumo? Revista Brasileira de Ciências do Esporte, n. especial, p. 19-31. São Paulo. 1999

THOMAS, Alexander. *Esporte: introdução à psicologia. Ao Livro Técnico*. Rio de Janeiro. 1983

WALKER, G. *Children are not small adults*. Forum, 4(11), 1982.

WALTRICK, Ana Cristina de Araújo. *Estudo das características Antropométricas de Escolares de 7 a 17 anos. Uma abordagem longitudinal mista e transversal*. Dissertação de mestrado, UFSC. Florianópolis, 1996.

WISNER, Alain. *Trabalho e condições de trabalho. Ergonomia: Método & Técnica*. SP: FTD: Oboré SP. 1987. p.11-113

APÊNDICES

Questionário 1

- 1 Nome: _____
- 2 Data de nascimento: ____/____/____ Sexo: _____
- 3 Motivo que levou a praticar o basquetebol: _____
-
-
- 4 Durante quanto tempo treinou basquetebol: _____
- 5 Idade que iniciou nas competições: _____
- 6 Idade que abandonou o basquetebol: _____
- 7 Número de vezes que treinava semanalmente
() 2 a 3 () 4 a 5
() 3 a 4 () 5 a 6
- 8 Como se sentia em relação ao número de vezes que treinava semanalmente:
() Insatisfeito () Satisfeito
() Pouco Satisfeito () Muito satisfeito
- 9 Gostava de treinar
() sim () não
- 10 Gostava de competir
() sim () não
- 11 Como se sentia durante as competições
() Motivado () Muito motivado
() Desmotivado () Pouco motivado
- 12 Quanto ao relacionamento com o técnico. Era:
() Excelente () Bom
() Indiferente () Ruim
- 13 Quanto ao relacionamento com companheiros de equipe, era:
() Excelente () Bom
() Indiferente () Ruim
- 14 Tinha total apoio dos pais para praticar o basquetebol:
() sim () não

Questionário 2

Assinale para cada opção o grau de intensidade do motivo que contribuiu para você abandonar o Basquetebol.

	Não contribuiu em nada (0)	Contribuiu um pouco (1)	Contribuiu muito (2)	Foi fator decisivo (3)
1- Falta de motivação	()	()	()	()
2 -Falta de apoio da família	()	()	()	()
3 -Falta de apoio do clube ou escola	()	()	()	()
4 -O estresse da competição	()	()	()	()
5 -Necessidade de trabalhar	()	()	()	()
6 -Insucessos repetitivos	()	()	()	()
7- Cansaço físico	()	()	()	()
8 -Monotonia dos treinamentos	()	()	()	()
9 - Interferência dos estudos	()	()	()	()
10 -Falta de tempo para diversão	()	()	()	()
11- Contusão séria	()	()	()	()
12- Dificuldade de relacionamento com o técnico	()	()	()	()
13- Mudança de técnico	()	()	()	()
14 -Problemas de relacionamento com os companheiros de equipe	()	()	()	()
15 -Reconhecimento da falta de talento e/ou aptidão	()	()	()	()
16- Dificuldade de obter melhoria nos resultados, após certo período	()	()	()	()
17- Obrigatoriedade de treinar todos os dias	()	()	()	()
18- Poucas competições	()	()	()	()
19 Influência de amigos alheios ao basquetebol	()	()	()	()